



Leandro Ferreira Assis

**Pré-vestibular Comunitário Seja Mais:
uma experiência para formação de professores voluntários**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Andréia Clapp Salvador

Rio de Janeiro
Junho de 2020



Leandro Ferreira Assis

**Pré-vestibular Comunitário Seja Mais:
uma experiência para formação de professores voluntários**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profª Andréia Clapp Salvador

Orientadora
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Rafael Soares Gonçalves

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Prof. Celso Pinto Carias

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de junho de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Leandro Ferreira Assis

Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2013, atua na pastoral universitária da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Assis, Leandro Ferreira

Pré-vestibular Comunitário Seja Mais: uma experiência para formação de professores voluntários / Leandro Ferreira Assis ; orientadora: Andréia Clapp Salvador. – 2020.

93 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2020.

Inclui bibliografia

1. Serviço Social - Teses. 2. Pré-vestibular comunitário. 3. Espaço não formal de ensino. 4. Ações afirmativas. I. Salvador, Andréia Clapp. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Dedico esse trabalho aos estudantes acadêmicos que um dia passaram ou passarão por essa árdua, porém enriquecedora experiência de entalhar na memória acadêmica a produção do saber. Onde tudo acontece, arquivos e importantes anotações se perdem, computadores desligam antes de salvar os arquivos, os prantos e falta de inspiração tomam conta dos dias ensolarados. Rompimentos de laços afetivos por inúmeras consequências também são fatores que nos levariam à loucura de desistir. Mas, dedico também aos inesperados anjos materializados em amigos, amores, irmã, irmão, orientadoras que surgem como luz e revigorante força.

Agradecimentos

Iniciar a escrita dos agradecimentos me fez viajar por toda minha trajetória de vida. A minha maior inspiração minha mãe Maria do Carmo e minha madrinha Lily de Carvalho. Duas enormes estrelas que brilham e me aquecem tão forte como o sol.

Ao meu maior herói, meu pai Pedro Paulo, que me ensinou a ter paciência.

A minha alma gêmea que luta comigo, e vibra forte a cada conquista. Lesli, você me faz ser melhor a cada dia.

Minhas amadas Marias, anjos que me inspiram e tenho a honra de chamá-las de tias.

A tia Glauci, que foi peça chave para tudo mudar.

Os meus afilhados Junior, Talles, Luke e Lily, que me inspiram e me dão leveza.

Aos meus mestres em minha trajetória escolar e universitária que contribuíram, que acreditaram e doaram seus preciosos conhecimentos.

Enorme gratidão à minha mestra Andréia Clapp, com sua sabedoria que encanta.

A todos os colaboradores que já trabalharam comigo ou ainda se fazem presentes na Pastoral Universitária, principalmente ao meu amigo e conselheiro Pe. Abel.

Aos amigos irmãos Bruno, Huliana e Chicão que me acolheram nessa fantástica universidade, representando todos os amigos de longas trajetórias.

Para além dessa vida, os Amigativos são fonte de inspiração Simão, Rayana, Ingrid, Alexandra (Alessandra), Angélica, Jonathan, Douglas, Tuane, Bruna, Eliane e João.

A Maria da Graças por todo suporte emocional, afetivo e psíquico.

A família Torquato, em especial a amada Dona Francisca.

Sair da zona de conforto não é fácil e nada melhor do que as amigas Elaine Maria e Patrícia Rodrigues para isso.

Uma incentivadora Bia Gross. Amorosa Fernandinha Rodrigues. Tempestiva Bethe Barauna. Aos amigos orientadores de tabela Leonel Velloso e Elder Vaz.

Rede de apoio e suporte quando tudo parecia desmoronar e anjos em forma de amigos estavam ali (cônjuge) Renata Carvalho e Fernanda Amorin e o amado Miguel.

Agradeço ao meu amor e companheiro Carlito que cuida de mim, que cuida de nós, com quem encontro paz e carinho nos singelos gestos.

E, por fim, a Ele que me proporcionou tudo isso, a Deus e toda falange. Que me deu o suporte para nunca desistir.

Resumo

Assis, Leandro Ferreira; Salvador, Andreia Clapp. **Pré-vestibular Comunitário Seja Mais: uma experiência para formação de professores voluntários**. Rio de Janeiro, 2020. 93p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem como objetivo analisar a experiência da atuação dos educadores voluntários no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais (PVC Seja Mais) desenvolvido pela Pastoral Universitária Anchieta (PUA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O Pré-Vestibular Comunitário Seja Mais possui o corpo discente oriundo das classes populares que almejam acesso ao ensino superior, funciona de forma gratuita e com o apoio de professores voluntários que são, em sua maioria estudantes da própria PUC-Rio. Por meio dos objetivos específicos, a pesquisa buscou investigar o significado que o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais tem na formação dos educadores voluntários; identificar os fatores que motivam os voluntários fazer parte deste projeto, a partir das análises interpretativas das entrevistas feitas com os professores entre os anos 2016 e 2019. Em três eixos principais, a primeira parte traça um histórico da configuração e organização dos pré-vestibulares. Baseado em eixos interdisciplinares discorre sobre a problemática do acesso à educação superior no Brasil. A segunda parte descreve a importância das políticas de ações afirmativas. A terceira parte é dedicada à pesquisa de campo com ênfase nas entrevistas feitas com um grupo heterogêneo de professores voluntários das diversas áreas do saber. Os depoimentos coletados, a partir das entrevistas realizadas com os professores, apresentam pontos relevantes: expectativas e experiências pessoal/profissional obtidas no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais; a motivação pela permanência como professores; (re)configuração de cidadania; o incentivo ao trabalho voluntário.

Palavras-chave

Pré-vestibular comunitário; espaço não formal de ensino; ações afirmativas.

Abstract

Assis, Leandro Ferreira; Salvador, Andreia Clapp (Advisor). **Pré-vestibular Comunitário Seja Mais: an experience for training volunteer teachers.** Rio de Janeiro, 2020. 93p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present dissertation aims to analyze the experience of the volunteer educator's performance in the Seja Mais Community Pre-university Entrance Exam, developed by Pastoral Universitária Anchieta (PUA) of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio). The Seja Mais Community Pre-university Entrance Examination has a student body from the popular classes that crave access to higher education, it works free of charge and with the support of volunteer teachers who are mostly students from PUC-Rio itself. Through specific objectives, the research sought to investigate the meaning that the Seja Mais Community Pre-university Entrance exam has in the training of volunteer educators; to identify the factors that motivate the volunteers to be part of this project, from the interpretative analyzes of the interviews made with the teachers between the years of 2016 and 2019. The work was divided in three main axes, in the first chapter we trace a history about the configuration and organization of the entrance exams. Based on interdisciplinary axes, we will discuss the issue of access to higher education in Brazil. Second chapter is dedicated to describing the importance of Affirmative Action policies. The third chapter is dedicated to field research with an emphasis on interviews with a heterogeneous group of volunteer teachers from different areas of knowledge. The testimonies collected from the interviews with teachers present some relevant points: personal/professional expectations and experiences obtained in the Seja Mais Community Pre-university Entrance Examination; the motivation to remain as teachers; reconfiguration of citizenship and encouraging voluntary work.

Keywords

University admission courses for low income students; non-formal education; affirmative action.

Sumário

1 Introdução	10
2 Pré-vestibular Popular - um espaço de resistência	16
2.1 Breve histórico dos Pré-vestibulares para Negros e Carentes	20
2.2 Pré-vestibulares comunitários no Rio de Janeiro	24
2.3 Pré-vestibular comunitário – espaço de ensino não formal	26
2.4 Entendendo a identidade do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais	28
3 Ações afirmativas	33
3.1 Ações afirmativas e Pré-vestibular Comunitário	34
4 Pré-vestibular Comunitário Seja Mais	39
4.1 Estrutura e dados do PVC da PUC-Rio	40
4.2 Os projetos do Pré-vestibular comunitário Seja Mais como espaço de formação	48
5 Pesquisa de campo	53
5.1 Pré-vestibular comunitário e experiência docente	57
6 Considerações Finais	73
7 Referências bibliográficas	77
Apêndices	83

Listas de Siglas

ABMES	Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
Assurfrj	Associação dos Funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro
CEFET-RJ	Centros Federais de Educação Tecnológica do Rio De Janeiro
ENEM	Exame Nacional Ensino Médio
G.A.P	Grupo De Assessoria Pedagógica
NEAd	Núcleo de Educação de Jovens e Adultos
ONU	Organização das Nações Unidas
Prouni	Programa Universidade Para Todos
PUA	Pastoral Universitária Anchieta
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PV	Pré-vestibular
PVC	Pré-vestibular Comunitário
PVNC	Pré-Vestibular Negros e Carentes
SENUN	Seminário Nacional dos Estudantes Universitários Negros

1

Introdução

Poder ajudar a pessoa de uma forma que a pessoa não perca aquele conhecimento, para mim foi minha maior motivação.

Entrevistada 5,
professora de Química.

Este estudo propõe analisar a experiência da atuação dos educadores voluntários no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais (PVC Seja Mais) desenvolvido pela Pastoral Universitária Anchieta (PUA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O Pré-Vestibular Comunitário Seja Mais possui o corpo discente oriundo das classes populares que almejam o acesso ao ensino superior, funciona de forma gratuita e com o apoio de professores voluntários que são, em sua maioria, estudantes da própria PUC-Rio.

Este trabalho é a primeira produção acadêmica a investigar o desenvolvimento do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais como espaço não formal de ensino, que propõe fomentar discursões sobre a formação de educadores voluntários, além combater os hiatos e as desigualdades produzidas e reproduzidas no âmbito educacional. Frente a essas questões, promove o debate acerca de políticas de ações afirmativas, em que a PUC-Rio¹ é precursora nesses programas de ação social. O interesse pela temática é reflexo da atuação do pesquisador durante quatro anos na coordenação do pré-vestibular comunitário desenvolvido pela Pastoral Universitária Anchieta².

Como objetivos específicos, a dissertação busca investigar qual o significado que o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais tem na formação dos educadores voluntários e identificar os fatores que motivam os voluntários fazer

¹ Segundo Clapp (2011), a PUC-Rio desenvolve seu programa desde 1994, com o intuito de possibilitar o acesso de camadas populares da sociedade aos cursos de graduação, priorizando estudantes oriundos do Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC).

² A Pastoral Universitária é uma unidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Busca fomentar valores éticos, humanos e cristãos na juventude universitária através de seus projetos com a missão de contribuir na formação do futuro profissional, não somente no âmbito acadêmico, mas como cidadão e humano, orientando os alunos em seu projeto de vida. Sobre a Pastoral, ver mais em: <http://www.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/sobre-nos/>. Acesso em: 6 jul 2019.

parte deste projeto.

A relevância do estudo se debruça sobre a investigação desse processo de aprendizagem da docência, formas alternativas de experiência didática. Na pesquisa, busca-se respostas às seguintes questões:

Como gerar comprometimento e motivação dos professores voluntários?

Qual a contribuição efetiva que o Pré-vestibular tem oferecido na formação dos educadores voluntários?

Essa contribuição ultrapassa a formação acadêmica?

Quais os valores são aprendidos na experiência de ser educador voluntário no Pré-vestibular comunitário?

O trabalho foi estruturado sobre três eixos centrais: breve histórico dos pré-vestibulares comunitários e a experiência do PVC Seja mais, ações afirmativas e pesquisa de campo dedicada investigar a motivação dos educadores voluntários no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais.

Apesar de muitas produções e debates sobre o assunto dos enclaves da educação nacional³, principalmente relativos ao acesso ao nível superior, ainda estamos longe de chegar a uma equidade. Nossa perspectiva de estudos tem suas premissas nas ricas produções bibliográficas que discorrem sobre a temática, contudo iremos valorizar o papel do educador voluntário, e a partir das entrevistas de campo entender quais são as motivações que levaram à inserção no voluntariado. E, como o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais tem impactado na formação acadêmica, profissional e pessoal dos educadores.

Para investigar a importância do educador nesses espaços de aprendizagem de caráter popular, precisamos entender como se configuram os pré-vestibulares comunitários em geral. O debate sobre pré-vestibulares comunitários ou populares evoca assuntos que vão além do contexto de formação escolar e preparação para as provas dos vestibulares, são espaços de discussões sobre justiça social e reconhecimento relacionado à questão social. Por meio dessa análise,

³ Segundo Inep e MEC, nos últimos 10 anos a procura para o Ensino Superior tem crescido. Em 2016, 34.366 cursos de graduação foram ofertados em 2.407 instituições de educação superior (IES) no Brasil para um total de 8.052.254 estudantes matriculados. Entre 2006 e 2016, houve aumento de 62,8%, com uma média anual de 5% de crescimento. Porém, em relação a 2015, a variação positiva foi de apenas 0,2%. Em 2016, quase 3 milhões de alunos ingressaram em cursos de educação superior de graduação. Desse total, 82,3% em instituições privadas. Após uma queda observada em 2015, o número de ingressantes teve um crescimento de 2,2% em 2016. Isso ocorreu porque a modalidade à distância aumentou mais de 20% entre os dois anos, enquanto nos cursos presenciais houve um decréscimo no número de ingressantes de 3,7%.

nossa hipótese identifica que os educadores voluntários são peças chave que potencializam esses espaços de aprendizagem não formais, pois se materializam no ofício de professor, e possuem o desafio de desenvolver intelectualmente os estudantes, dar significado e reavivar estruturas cógicas e conceituais já existentes. Por esse motivo, a preocupação em fomentar a formação dos educadores voluntários, visto que no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais são, em sua maioria, estudantes de graduação e pós-graduação. Além disso, a consolidação do corpo docente voluntário bem preparado potencializa os vestibulandos a alcançarem melhores resultados nos exames e cumprirem o objetivo de ingressar no nível superior.

O segundo capítulo identifica os pré-vestibulares de caráter popular como espaços de resistência. Além disso, traçamos um histórico sobre a configuração e a organização dos pré-vestibulares na cidade do Rio de Janeiro.

Dentre as inúmeras nomenclaturas possíveis para representar os cursos que preparam para as provas de vestibulares, neste trabalho optamos pelo termo “comunitário”, por representar o nome e identidade conferidos ao Seja Mais. O termo comunitário estabelece uma relação de algo que é conjunto, com a participação de várias pessoas compartilhando o mesmo espaço, território e desenvolve trabalho que beneficia o coletivo.

Conceituar pré-vestibular comunitário é dissertar sobre temas de tensão e discussões no cenário educacional, aspectos socioeconômicos, étnicos e raciais brasileiros, por esse motivo o terceiro capítulo é dedicado a descrever a importância das políticas de ações afirmativas. Segundo Carvalho, “são movimentos sociopolíticos de empoderamento, diversidade cultural e cidadania ativa, e instituições paraescolares lutando por ações inclusivas no ensino superior” (2006, p.317).

Discorreremos sobre a problemática do acesso à educação superior no Brasil, que se configura como um enfrentamento aos processos de gestão e políticas governamentais historicamente esvaziadas. Nela é possível observar a reprodução de uma estrutura social desigual. Nos interessa refletir sobre esse processo, instigados pelo que sintetiza Nascimento:

Nesse processo histórico de busca, ainda inconclusa, de cidadania, a luta pela concretização do direito à educação formal às classes populares e grupos sociais

que tiveram e continuam tendo negada esta possibilidade não é uma novidade no Brasil. Somente nesse século, vários movimentos sociais se organizaram para conquistar, de fato, o direito à escolarização. No Brasil, a classe popular é praticamente excluída do ensino superior. Fatores como a condição socioeconômica dessa população, a baixa qualidade do ensino básico nas escolas públicas é frequentemente apontada como causas da pouca participação de estudantes oriundos de setores populares nas universidades – especialmente as universidades públicas. (1999, p.9)

A construção das identidades dos pré-vestibulares comunitários à luz da sociologia da educação a partir de Nadir Zago, indica, nas “políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior, uma tentativa de amenizar as desigualdades historicamente impostas a determinados grupos sociais” (2008, p.160 apud SILVA, 2005, p.8).

Em geral, os pré-vestibulares comunitários se organizavam como um movimento social, e se multiplicaram pelo país se estabelecendo em locais como ONGs, igrejas e espaços sindicais, com seus princípios relacionados à inclusão, diversidade, enfraquecimento da mercantilização da educação. Por esse aspecto, configuram-se como políticas extraoficiais do sistema educacional brasileiro, outorgando uma importante bibliografia sobre o processo de organização, espacialização e ascensão das camadas populares ao nível superior. Entretanto, embora se configure assunto de relevância na análise do panorama educacional brasileiro, se observa uma escassa produção de estudos sobre a atuação e o papel do educador voluntário como protagonista nestas produções.

O terceiro capítulo é dedicado aos avanços nas implementações de políticas de ações afirmativas, a partir da organização dos movimentos sociais desde o fim da década de 1980 até os dias atuais, que lutam pela inclusão social e étnico-racial das camadas populares, conferindo a elas o processo de mobilidade social, a noção de reconhecimento e o direito em participar de forma mais efetiva da vida política, espaços públicos e manifestações culturais.

No quarto capítulo, nos debruçamos a descrever o perfil organizacional do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais ao longo dos seus nove anos de atuação. O Pré-vestibular Comunitário Seja Mais possui os mesmos padrões na configuração do corpo docente e administrativo apoiado em um trabalho de caráter voluntário (Zago, 2009, p.152), porém estabelece uma peculiaridade em sua territorialidade e composição docente. O PVC Seja Mais está inserido em um ambiente de prestígio e formador da elite carioca, por se localizar no interior de

uma universidade na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Os espaços e as ferramentas acadêmicas que a PUC-Rio disponibiliza afetam de forma determinante a atuação de todos os envolvidos, por oferecer qualidade em sua infraestrutura e uma heterogênea equipe de potenciais educadores voluntários, que em sua maioria são estudantes da universidade nos diversos níveis de formação acadêmica.

O quinto capítulo é dedicado à pesquisa de campo das valedoras entrevistas feitas com um grupo heterogêneo de professores voluntários das diversas áreas do saber. Para as entrevistas foram considerados os educadores que lecionam a disciplina correlacionada à sua formação acadêmica e educadores que não tem a formação acadêmica vinculada à disciplina que lecionam. Para alcançar os resultados pretendidos na investigação, toma-se por base a importância do referencial teórico, e as técnicas utilizadas no conjunto de métodos a serem aplicados na pesquisa, ao passo que possibilitaram ao pesquisador interagir com o seu objeto de pesquisa na tentativa de desvelamento da realidade social em sua essência. Segundo Bourdieu, também se enfatiza a ideia de que a metodologia está intimamente relacionada à teoria, uma vez que é somente um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressupostos teóricos que um dado empírico qualquer pode funcionar como prova de investigação (2006, p.24).

À luz dos estudos realizados, pretendemos, com a metodologia de natureza qualitativa, identificar quais contribuições o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais agregou à formação dos educadores voluntários, investigar quais as motivações que levaram à permanência e comprometimentos desses educadores. Para isso, incluem-se as abordagens de concepções teóricas e se utilizará o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador (Minayo, 1996, p.22).

Apesar de muitas produções e debates sobre o assunto dos enclaves da educação nacional⁴, principalmente referentes ao acesso ao nível superior, ainda

⁴ Segundo Inep e MEC, nos últimos 10 anos a procura para o Ensino Superior tem crescido. Em 2016, 34.366 cursos de graduação foram ofertados em 2.407 instituições de educação superior (IES) no Brasil para um total de 8.052.254 estudantes matriculados. Entre 2006 e 2016, houve aumento de 62,8%, com uma média anual de 5% de crescimento. Porém, em relação a 2015, a variação positiva foi de apenas 0,2%. Em 2016, quase 3 milhões de alunos ingressaram em cursos de educação superior de graduação. Desse total, 82,3% em instituições privadas. Após uma queda observada em 2015, o número de ingressantes teve um crescimento de 2,2% em 2016. Isso ocorreu porque a modalidade à distância aumentou mais de 20% entre os dois anos, enquanto nos cursos presenciais houve um decréscimo no número de ingressantes de 3,7%.

estamos longe de chegar a uma equidade. Nossa perspectiva de estudos tem suas premissas nas ricas produções bibliográficas que discorrem sobre a temática, contudo, iremos valorizar o papel do educador voluntário. Neste processo de pesquisa e análise das motivações do corpo docente do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais, pôde-se perceber um impacto positivo no processo de formação, trazendo novos contornos ao âmbito profissional e pessoal dos educadores voluntários.

2

Pré-vestibular Popular – um espaço de resistência

O Pré-vestibular me ajuda a conseguir aquela empatia, aquela adaptabilidade de descer o intelecto ou compreensão e enxergar com os olhos que o aluno está enxergando.

Entrevistado 2,
professor de Matemática.

Ao fazer o levantamento bibliográfico para conceituar os pré-vestibulares populares enquanto nossa principal categoria de análise desta pesquisa, nos debruçamos sobre os estudos dos teóricos Candau, (2005), Nascimento (2008), Santos (2002) e Oliveira (2001). Neste contexto, entendemos que os espaços de educação, sejam eles formais, sejam não formais, são espaços de disputas, e os pré-vestibulares populares podem ser entendidos como movimento de resistência às desigualdades produzidas e reproduzidas no âmbito educacional (Nascimento, 1999, p. 24-26).

Na década de 1950, Bourdieu expõe um novo olhar ao interpretar a escola. Segundo Nogueira e Nogueira,

A frustração dos jovens das camadas médias e populares diante das falsas promessas do sistema de ensino converte-se em uma evidência a mais que corrobora as novas teses propostas por Bourdieu. Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (2002, p.16-17)

Quanto a esse entendimento, é indispensável perquirir a conjuntura do sistema educacional brasileiro e, ao tangenciar nosso passado histórico para a construção de uma linha temporal sobre as origens dos pré-vestibulares de caráter popular, identificamos enormes lacunas na construção das bases educacionais para uma parcela oprimida socioeconômica da população, ampliando a estratificação social. Observa-se que o intenso processo de miscigenação faz do nosso território um ringue de luta entre as classes economicamente mais pobres e uma minoritária, porém poderosa, elite econômica que determina os traçados culturais dominantes.

O sentido de classes populares utilizado neste estudo baseia-se nas considerações de Nascimento:

Denominamos de populares os grupos sociais que vivem em condições impostas de exploração, dominação, esmagamento de identidade e negação de direitos fundamentais, como direito ao trabalho, terra, moradia, remuneração digna, cuidados com a saúde, acesso à educação formal, reconhecimento cultural e participação política, com destaque para a população negra, que entre outros problemas ainda enfrenta um fator decisivo de bloqueio à sua participação na sociedade: a discriminação racial. (Nascimento, 1999, p.10-11)

Sobre as desigualdades escolares, o sistema educacional brasileiro reflete a abrangente e bem fundamentada teoria da Sociologia da Educação de Bourdieu. Havia um entendimento que o sistema público e gratuito asseguraria o princípio de igualdade e oportunidade entre os cidadãos. Nesse compasso, mitigaria os graves problemas do acesso à educação. A evolução da carreira educacional seria pelo desenvolvimento dos dons individuais, e, por uma questão de justiça, o indivíduo progrediria em sua carreira escolar (Nogueira e Nogueira, 2002, p.16)

Sendo assim, defendemos que os estudantes ao longo de sua trajetória escolares não podem ser avaliados apenas pela sua natureza biológica e psicológica particular (chamados de dons pessoais), pois tanto as circunstâncias regionais, como as culturais, econômicas e políticas em que o indivíduo está socialmente inserido contribuem de maneira favorável ou não para ele se destacar diante das exigências escolares (Nogueira e Nogueira, 2002, p.20).

Na contramão da teoria de Bourdieu referida acima, identificamos um descompasso do sistema educacional quando comparamos o sistema de ensino público com o privado, podendo perceber uma fragilidade do sistema público. Tal perspectiva reflete no avanço da carreira educacional dos estudantes, havendo um gargalo relacionado ao acesso ao nível superior.

Segundo Janguê Dinizo, presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), esse gargalo é reflexo de uma problemática crônica na nossa construção social, tendo variadas circunstâncias – uma delas representada pelas dimensões continentais e um saturado quantitativo demográfico brasileiro.

(...) Vivemos em um país enorme cujas fronteiras delimitam muito mais do que território. Delimitam populações com culturas, tradições e desafios tão diversos que não há quem questione o fato de termos diversos brasis dentro do Brasil. Em um contexto tão amplo e diversificado, desenvolver políticas públicas que atendam a

todos de forma indistinta, como preconiza a nossa Carta Magna, não é uma tarefa simples. Qualquer recorte que se pegue envolve milhões de pessoas. Por exemplo, apenas no universo da educação superior o país tem mais de 8,2 milhões de estudantes, quase a população de Israel, nação que se destaca por sua capacidade de inovação e que tem 8,4 milhões de habitantes. (Dinizo, 2018, p.3)

E para Jessé de Souza, uma circunstância a ser analisada para compreender o descompasso do sistema educacional brasileiro está sob a perspectiva da concentração de poder.

O poder é a questão central de toda sociedade. A razão é simples. É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído. O dinheiro, que é uma mera convenção, só pode exercer seus efeitos porque está ancorado em acordos políticos e jurídicos que refletem o poder relativo de certos estratos sociais. Assim, para se conhecer uma sociedade, é necessário reconstruir os meandros do processo que permite a reprodução do poder social real. O exercício do poder social real tem de ser legitimado. Ninguém obedece sem razão. No mundo moderno, quem cria a legitimação do poder social que será a chave de acesso a todos os privilégios são os intelectuais. (2017, p.17)

Na tentativa de romper os privilégios restritos a um grupo hegemônico dominante, grupos sociais se organizam dando origem aos movimentos sociais. As décadas de 1970 e 1980 tiveram a ebulição de diversos movimentos sociais. Na categoria educacional, tivemos a efervescência dos pré-vestibulares populares. De acordo com Gohn (2007), esses movimentos mantinham as antigas reivindicações, porém apresentavam novas demandas relativas aos direitos sociais, luta por reconhecimento (Fraser, 1995), espaços organizados a partir de identidades definidas – raça, sexo, etnia, entre outros –, que exigiam seus direitos culturais e coletivos. Era uma nova forma de pensar direito e cidadania (Clapp, 2009).

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por processos de reinvidicações para uma classe da população que conhece as mazelas sociais.

No contexto político da década de 80 (abertura política, reorganização partidária, retomada das lutas populares, surgimento dos “novos movimentos sociais” etc.), onde emergiram ações coletivas para as mais variadas lutas, surgiu um tipo de experiência de educação para trabalhadores/estudantes que, mais tarde, tornou o Estado do Rio de Janeiro arena de uma nova forma de mobilização, articulação e educação popular: os Cursos Pré-Vestibulares Populares. Organizados pela sociedade civil, esses cursos são direcionados aos estudantes de classes populares e de grupos sociais discriminados. (Nascimento, 1999, p.26)

Os pré-vestibulares populares se desenvolvem nessa conjuntura como um

movimento social com pautas debruçadas sobre a questão das desigualdades étnicas, de gênero e de sexo. Os direitos civis, políticos e sociais passavam a ser acrescidos de direitos culturais e coletivos (Clapp, 2009, p.129).

Elite e povo concordam que as desigualdades de renda no Brasil são muito grandes e veem a estrutura social do país como uma pirâmide de base larga, mas não exatamente do mesmo modo. A elite tende a aceitar uma desigualdade salarial maior e é mais cética quanto às possibilidades de progresso individual por meio do esforço pessoal e qualificação profissional. As diferenças entre elite e povo emergem mais claramente quando se pergunta quais são os principais problemas sociais do país e que soluções devem ser buscadas para a desigualdade. Desemprego e pobreza são as maiores preocupações do povo, ao passo que da elite, aparecem desigualdade de renda, corrupção e educação. (Medeiros, 2010, p.157)

Os movimentos sociais trazem em sua identidade a luta contra um processo de exclusão de uma parcela da população, por não apresentarem uma tendência normativa semelhante às classes de uma elite dominante. Esses movimentos fazem o enfrentamento constante pela garantia da democracia no sentido original do termo – poder do povo organizado. No sentido extensivo, ao falar de democracia devemos pensar que seus valores ultrapassam as barreiras geográficas e possuem um valor historicamente universal.

Para Coutinho, a democracia está pautada “no conjunto das forças populares, coloca-se assim uma tarefa de amplo alcance: a luta para inverter essa tendência elitista ou ‘prussiana’ da política brasileira e para eliminar suas consequências nas várias esferas do ser social brasileiro” (Coutinho, 1980). O autor relaciona democracia ao processo de acesso ao nível superior educacional, faz uma crítica pela manutenção de uma parcela da sociedade privada aos princípios básicos do que se entende da complexa contextualização do conceito de democracia.

Os movimentos sociais de educação popular com caráter de democratização do acesso ao nível superior possuem inúmeras nomenclaturas, tais como: Pré-vestibular Popular, Pré-vestibular Comunitário ou Pré-vestibular Para Negros e Carentes. Todos possuem alinhamento nos valores organizacionais centrais, por compreenderem que a educação é bem social a que todos devem ter acesso como uma condição democrática e de emancipação humana.

Contrapondo-se ao contexto histórico do sistema educacional brasileiro, esses pré-vestibulares comunitários manifestam-se como um movimento social de educação popular, defensores das políticas de ação afirmativa, com a finalidade de promover acesso à educação superior, além de reivindicarem garantia de direitos

em prol dos grupos sociais que vivem em condições históricas de desigualdade. Como justifica Vera Candau:

Os cursos pré-vestibulares surgiram a partir das carências do Ensino Médio, com o intuito de possibilitar seus alunos a compreender melhor o que era cobrado em termos de conteúdo pelos vestibulares anteriores (...) visando romper essa lógica, onde só os que tinham condições financeiras faziam esses cursos e tinham mais chance de ingressar na universidade. (2000, p.99 apud Clapp, 2009, p.130)

A recuperação do traçado histórico dos Pré-vestibulares de caráter social é indissociável dos movimentos sociais de cunho racial. Em 1976, o Centro de Estudos Brasil-África, no Rio de Janeiro, desenvolve um curso voltado para negros (Nascimento, 2002, p.23). Nos anos seguintes, e principalmente na década de 1990, alvorece junto às iniciativas religiosas e movimentos sociais o incentivo à criação de núcleos educacionais não formais, a fim de preparar e qualificar uma camada da população para prestar os exames de vestibulares. A maior referência, e presente em praticamente todos os registros sobre o tema, são os PVNCs – Pré-vestibular para Negros e Carentes.

2.1

Breve histórico dos Pré-vestibulares para Negros e Carentes

O primeiro núcleo de Pré-vestibular para Negros e Carentes foi criado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Tinha como ponto forte a atuação dos líderes comunitários com perfil de intensa militância e, por consequência desse delineamento, abriram espaços para a reflexão e discussões amplas sobre o privilégio de uma minoria ter acesso ao campo intelectual do mundo acadêmico. Uma reação legítima afim de reconfigurar um cenário dado como normativo, porém extremamente excludente, que alimenta a segregação e o abismo socioeconômico que sustenta a elite brasileira.

A fim de fortalecer as pautas levantadas por esses núcleos, foi desenvolvido o Primeiro Seminário Nacional dos Estudantes Universitários Negros (Senun) promovido pelo Instituto Cultural Steve Biko, em Salvador, no ano de 1993.

A esse grupo se juntaram esses militantes interessados na iniciativa pela sua confluência entre o corte racial e questão educacional – a equipe do primeiro núcleo

contava com quatro coordenadores e dez professores. Dentre esses militantes não ligados a grupos religiosos, três se juntaram ao frei David Raimundo dos Santos para construir a coordenação do primeiro núcleo: Alexandre do Nascimento, Luciano de Santana Dias Antônio Dourado. (Santos, 2003, p.131)

O processo organizacional se replicava junto com o sucesso que os núcleos estavam apresentando nos espaços de atuação. Seguiu o padrão de instalação e funcionamento no interior das igrejas, tomando como símbolo a figura do frei David.

O apoio da Igreja Católica na Pastoral do Negro trouxe à tona uma relação de estreitamento entre a Igreja e o Estado, no que se refere a “moldar as ações sociais ditas filantrópicas” (Orsi et al., 2001, p.35)

Segundo Santos:

Mesmo apesar de algumas discordâncias e ressalvas existentes nos grupos iniciais, a predominância da influência Negro-Eclesial foi marcante, inclusive na definição do nome “Pré-vestibular para Negros e Carentes”. Este nome, criado em 1933, foi aos poucos se firmando como referências para movimento, sendo “oficialmente” assumido pelo conjunto apenas em agosto de 1994, na 8ª Assembleia dos Núcleos. Havia outras propostas como “Pré-vestibular pela Cidadania” e “Pré-vestibular da Abichada”, além de alguns núcleos já possuírem dominações distintas, como por exemplo o “Pré-vestibular do Trabalhador Negro e Carente”, em Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. (2003, p.134)

Interessante analisar que o caráter organizacional é replicado nos diversos núcleos que começam a surgir entre 1993 e 1994, porém nem todos os valores são compartilhados ou possuem os mesmos alinhamentos. Há a predisposição para volumosos contratos entre os pré-vestibulares relacionados aos seguintes aspectos:

- a) alguns possuem fins lucrativos e oferecem bolsas aos seus professores, cobram mensalidades dos seus alunos;
- b) recebem financiamentos para sua manutenção;
- c) são totalmente gratuitos e contam com o trabalho voluntário para o desenvolvimento de suas atividades.

Quanto às práticas pedagógicas:

- a) a preocupação centra-se na preparação para o vestibular;
- b) a preocupação é aliada à formação para a cidadania.

Renato Emerson dos Santos faz algumas considerações sobre os Pré-vestibulares populares, principalmente os que possuem um recorte racial, que despontaram e se disseminaram na década de 1990 por quase todo o Brasil. O autor acrescenta:

A difusão desses cursos estruturados por laços de pertencimentos e participação em ampla medida significados ou motivados pela solidariedade e pelo voluntariado, cria um espaço de canalização de potências de sujeitos. Tal espaço (que “recebe” esses sujeitos munidos de distintos valores e projetos, disputando e agregando agendas e ideologias em sua origem, ideias fundadoras que atritam e resistem. (Santos, 2003, p.129)

Em São Paulo, na USP, o cursinho da Politécnica é o precursor dessas iniciativas, começando suas atividades em 1987. Antes disso, mais especificamente de 1950 a 1984, já estava em funcionamento, no entanto, com outro objetivo, que era preparar alunos para ingressar na Escola Politécnica, caracterizando-se por ser uma iniciativa com fins lucrativos. Hoje, o cursinho da Politécnica retoma ao objetivo inicial e torna-se novamente um cursinho com fins lucrativos.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foi uma das pioneiras em conceder bolsas de estudos para estudantes egressos de núcleos educacionais não formais organizados por militantes das causas afro desde 1993.

O Pré-vestibular para Negros e Carentes está vinculado ao movimento negro, na região metropolitana do Rio de Janeiro, atua com a questão racial além de se articular com diversos grupos e setores populares e se tornou das experiências mais expressivas dessas organizações culturais. Segundo Nascimento, ele se organiza no sentido de combater as desigualdades de oportunidades educacionais entre negros e brancos, e propõe o debate sobre discriminação racial na educação (1999, p.28.)

De acordo com a Carta de Princípios do Movimento, o Pré-vestibular para Negros e Carentes (1999) se constitui como: Movimento de Educação Popular, laico e apartidário, que atua no campo da educação através da capacitação, para o vestibular, de estudantes economicamente desfavorecidos em geral e negros (as) em particular (Nascimento, 1999).

Com o ensino pré-vestibular e outras ações, o PVNC quer ser, em caráter

geral, movimento de luta contra qualquer forma de racismo e exclusão e, em caráter específico, uma frente de denúncia, questionamento e luta pela melhoria e democratização da educação, através da defesa do Ensino Público, gratuito e de qualidade em seus níveis fundamental, médio e superior, nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Detalhando-se a estrutura do PVNC, ela consiste em núcleos, conselho, secretaria geral e assembleia. Os núcleos são formados por alunos, professores e coordenadores.

Para garantir uma vaga para estudar no projeto, os candidatos devem ser negros/negras e/ou serem desfavorecidos economicamente; preencher uma ficha de inscrição e passar por entrevista com um membro do movimento. Já o colaborador apenas deve atender às exigências ideológicas do movimento como pré-requisito para a entrada no curso.

Segundo Nascimento (1999, p.70), uma das inspirações do PVNC foi a Cooperativa Steve Biko, fundada em 1992, no seu curso pré-vestibular. Essa instituição tem como objetivo apoiar e articular a juventude negra da periferia de Salvador, colaborando para a entrada de jovens na Universidade. Por iniciativa de professores e estudantes negros e negras, de forma pioneira criaram o curso Pré-vestibular voltado para negros. Em muitas reuniões nos jardins da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia, no centro de Salvador, e embasados nas lutas antirracistas ao redor do mundo, perceberam a urgente necessidade de reunir a militância negra em nível nacional ao redor da Educação.

Atualmente com o título de Instituto Cultural⁵, mantém a premissa da inserção dos negros no espaço acadêmico como estratégia para sua ascensão social e o combate à discriminação racial. O conceito do Instituto nasce já diferenciado, a partir do resgate dos valores ancestrais de seus estudantes, baseado no Movimento de Consciência Negra difundido pelo sul-africano Stephen Bantu Biko na África do Sul. Daí o nome Instituto Cultural Beneficente Steve

⁵ O Instituto diferencia-se pela disciplina Cidadania e Consciência Negra – CCN –, que pauta, em sala de aula, a autoestima e as lutas do povo negro no combate ao racismo. Na disciplina, estudantes são levados a resgatar a cultura afro-brasileira, destacando a religiosidade, a ancestralidade e trajetória de ativistas referências na luta contra as desigualdades. Com isso, a Biko busca influenciar a postura e pensamento dos jovens negros (Cooperativa Educacional Steve Biko, 1993).

Biko, escolhido em homenagem a um dos mais ferrenhos combatentes do regime de segregação racial do apartheid. Reconhecido em meio às principais organizações dos movimentos sociais na Bahia e no Brasil, já recebeu, inclusive, o Prêmio Nacional de Direitos Humanos (1999) e o Prêmio Cidadania Mundial, outorgado pela Comunidade Bahá'í do Brasil, em 2003. Todos seus projetos são financiados por meio de apoio de instituições e empresas nacionais e internacionais, além de investimento social de pessoas físicas de diversos lugares no mundo.

2.2

Pré-vestibulares comunitários no Rio de Janeiro

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1986, se desenvolve o Pré-vestibular popular da Associação dos Funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Assurfrj, atual Sintufrj), importante experiência destinada a preparar trabalhadores para o vestibular. Este curso pré-vestibular incorporou conhecimentos básicos sobre política, economia e sociedade aos seus conteúdos, pois entende que não se limita à preparação dos estudantes para os exames do vestibular, mas também tem como fundamental contribuição ao desenvolvimento de consciência crítica para serem protagonistas ao se inserirem nos centros universitários.

Nos anos 1990, dois segmentos de referências de Pré-vestibular Popular nascem no Rio de Janeiro, o curso Manguera Vestibulares e o PVNC.

O curso Manguera Vestibulares, de caráter comunitário, era destinado aos estudantes da comunidade do morro da Manguera. Este curso também tinha a proposta de ir além do ensino de conteúdo padrão para os vestibulares, mostrando a preocupação de desenvolver práticas pedagógicas que contribuíssem para a construção de uma consciência crítica acerca da realidade. De acordo com Nascimento:

Dado o seu caráter comunitário, a Associação Manguera Vestibulares tem uma atuação política diferente do Curso Pré-Vestibular do SINTUFRJ, que tem uma preocupação claramente classista. Pode-se afirmar, de acordo com Valla (1998), que a atuação da Associação Manguera Vestibulares se baseia muito mais na ideia de “grupo social”, do que na ideia de “classe social”, embora esta última não tenha perdido a validade. (1999, p. 75)

Segundo Santos (2006), em 1990, ao desenvolver a carta dos princípios básicos do PVNC, buscava-se desenvolver um padrão organizacional para a implementação de novos núcleos na cidade do Rio de Janeiro. Em contrapartida, a criação desses novos núcleos de PVNCs trouxe um descompasso no padrão organizacional em seus núcleos e membros. Havia uma falta de comunicação de caráter pedagógico, institucional e qualitativo entre os membros e, na tentativa de solucionar esse problema, foi proposta a implementação de assembleias entre os núcleos. Essa iniciativa, porém, tornou-se um espaço de disputas, promovendo embate entre a questão de aceitação de estudantes e professores que não fossem negros. Havia, ainda, a crítica aos membros que entendiam a posição de coordenação como “status”, a permanência e ênfase da disciplina “Cultura e Cidadania”, e até mesmo se o foco seriam as universidades públicas ou particulares.

A partir de tantos embaraçamentos, na figura icônica de Frei Davi cria-se a Educafro (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes). Segundo Vanessa Silveira de Brito:

A Educafro surge em 1998 e atrai vários alunos que participavam do PVNC, em função da possibilidade de inserção no ensino superior, via bolsa de estudo nas universidades particulares. No início, a entidade apenas administrava questões relacionadas às bolsas de estudo, porém, passado algum tempo, a referida instituição passou a oferecer curso pré-vestibular e o Frei, finalmente, se desvinculou do PVNC e permaneceu atuando apenas na Educafro. (2018, p.285)

A Educafro, atualmente, tem abrangência nacional e, segundo seu estatuto publicado em 2014, seus valores estão inspirados nos ensinamentos de São Francisco de Assis. Para concretização de sua missão, tem por finalidades institucionais a proteção aos consumidores, aos excluídos, a todo que tem sede de Justiça à ordem econômica e à livre concorrência, erradicar a pobreza e a marginalização, reparar as desigualdades sociais, étnicas e promover o bem sem preconceitos de origem, credo, cor e raça, através das vinte e oito ações delimitada por eles.

O destaque em valorizar as ações afirmativas e a defesa por cotas na luta contra a distorção racial é desenvolver um ambiente universitário menos segregado, entendendo que não basta só ingressar na academia, é preciso permanecer neste ambiente, fator que, para alguns, é hostil. A Educafro busca munir os seus

vestibulandos e associados a partir das parcerias com instituições e associações que focam na mesma causa ou similar. A instituição adota uma postura macro ecumênica e, no sentido de ampliar o processo de capacitação, fomenta o empreendedorismo afro como um caminho possível de ascensão social. Possuem o entendimento que a defesa da dignidade e o combate às ações retrógradas de repressão afro ultrapassam o simples objetivo de aprovação nos exames dos vestibulares, por consequente, precisam de engajamento de todos os que acreditam em justiça social.

2.3

Pré-vestibular comunitário – espaço de ensino não formal

O processo de aprendizagem é fluido, não se limita à quase nenhuma barreira e ocorre nos mais diversos espaços sociais. Com o desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas e expansão da tecnologia estes espaços têm se tornado potenciais ferramentas para serem utilizadas tanto nos espaços formais de aprendizagem quando nos espaços não formais. Para Gohn (2010, p.55) existe uma linha tênue que difere essas duas práticas educacionais, a primeira pertence a um espaço territorial da escola, com sua regulamentação e normatização, assim como a presença dos currículos, a segunda se debruça sobre um aprendizado espontâneo e a instrumentalidade presente na figura do educador social.

Quando falamos do processo educacional, é importante estabelecer que a diretriz nacional está baseada na promoção de uma sociedade democrática e balizada por uma política mundializada, na inter-relação dos fenômenos de natureza política, econômica, tecnológica e cultural dos diversos países do mundo, independentemente das suas fronteiras e diferenças linguísticas, étnicas e outras; a globalização. Um movimento de mundialização não significa a universalização, na medida em que grandes “periferias” são excluídas deste processo (Veltz, 2014, p.25).

Como inspiração de pesquisa para a temática sobre ensino não formal, ressaltamos a produção de Oliveira e Dias “a educação não formal, neste trabalho, tem sido tomada como um instrumento de libertação, capaz de contribuir para a humanização, conscientização e transformação das pessoas e da realidade social em que vivem” (2017, p.6).

Para Jacobucci, o termo “espaço não formal” é polissêmico e tem sido utili-

zado “por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas” (2008, p.55). Além disso, a autora disserta que os espaços não formais são bivalentes, em que uma demanda de uma estrutura física, possui alguns mecanismos reguladores, necessita de profissionais qualificados para a prática educativa dentro deste espaço; e os espaços não institucionalizados que não dispõe de uma estrutura preparada para este fim, contudo, bem planejado e utilizado, poderá se tornar um espaço educativo.

De acordo com Gohn (2009), esta modalidade educativa tem buscado o desenvolvimento de ações e atividades cuja intencionalidade concerne na promoção de cidadania, principalmente para crianças e adolescentes que dela participam, de maneira que possam lidar e solucionar os problemas emergentes em seu cotidiano.

No contexto dos espaços de formação e discussão sobre cidadania, temos como entendimento as contribuições de Gramsci, em que o autor os descreve como espaço de elevação cultural das massas, da construção do pensamento crítico e formação dos não intelectuais. A construção do saber potencializa o entendimento de cidadania, do papel do indivíduo e a educação tem ofício de difundir o conhecimento.

Quando analisamos o PVC Seja Mais nesta modalidade educativa, ressalta uma das especificidades do projeto, que se preocupa em ser um espaço de aprendizagem e formação para o educador social, na figura de professor voluntário, além de manter o compromisso com o grupo de estudantes das classes populares que se reúnem de forma coletiva para estudos e preparação para as seletivas provas dos vestibulares que dão acesso ao ensino superior.

Esta ação popular visa romper a lógica em que só os que tinham condições financeiras faziam esses cursos e tinham mais chance de ingressar na universidade em virtude de uma melhor preparação escolar, por financiarem estudos voltados para as provas dos vestibulares, em que os estudantes revisavam conteúdos desde as séries iniciais do ensino de base escolar (Candau, 2000, p.99).

Nos espaços não formais, o educador social é peça chave, ao identificar os variados níveis de instrução e a formação heterogênea das turmas. Visto que os

espaços não formais não possuem as mesmas “regras” que os formais⁶, o educador precisa ser articulado e dinâmico. Compartilhamos os pensamentos do autor Giorgio Baratta, que possui sua fonte inspiradora em Gramsci: “O educador precisa ser educado”, ou seja, desempenhar o ofício de ensinar, principalmente nos espaços não formais. “O professor não tem, simplesmente, uma verdade a ser comunicada e distribuída. A verdade a que ele se refere precisa ser combinada com aquela que ele consegue conhecer e aprender de seu aluno.” (2011, p.34-35)

A temática sobre pré-vestibulares comunitários é abrangente e de caráter transversal, há vários estudos acerca do tema. Uma delas é analisar o pré-vestibular comunitário como um movimento social, além de estabelecer esforços para o processo de democratização de acesso ao nível superior de ensino. Um dos rastilhos que acarretam a inacessibilidade ao ensino superior (principalmente das universidades públicas) é a baixa qualidade do ensino básico nas escolas públicas, que geralmente não preparam os estudantes para as provas dos vestibulares.

Não temos a pretensão de analisar de forma detalhada as políticas de acesso aos estágios educacionais, porém compreendemos o sistema educacional formal e não formal como um conjunto de ações correlacionadas e de complexa magnitude. Por essa razão, qualquer tipo de mudanças nesse complexo sistema reflete de forma significativa em suas extremidades – do ensino de base ao ensino superior.

2.4

Entendendo a identidade do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais

Após esse resgate histórico da formação dos núcleos de educação não formal com a proposta de preparação para os exames dos vestibulares, o campo de análise será explicar a utilização do termo “comunitário” como uma ação identitária do Seja Mais, à luz da perspectiva de educação popular.

⁶ Para Gohn (2007), os espaços formais de educação se configuram nas intuições escolares, geralmente caracterizados por uma organização sistemática e desenvolve suas atividades por meio de uma ordem sequencial e disciplinar. É regida por lei e concede certificação segundo diretrizes nacionais. Essa educação demanda tempo, local específico, pessoal especializado e geralmente se divide por nível de conhecimento. Os conteúdos ministrados são selecionados previamente e seguem um currículo. Nela o professor é o educador, dentre as finalidades e objetivos da educação formal. O oposto desses espaços formais são os denominados informais, segundo a autora, possuem uma configuração espontânea, desprestenciosa, sem regras ou regulamentos, contudo ocorre por meio de interação coletiva e socialização do conhecimento. Materializados em espaços como uma rua, casa, clube e entre outros espaços.

Embora não tenhamos a pretensão de aprofundar as bases teóricas e conceituais do termo “comunitário”, faz-se necessário mencionar a sua importância para o objeto de estudos desta pesquisa, pois traz consigo a nomenclatura como proposta da própria identidade.

Um dos conceitos dissertados para categoria comunitária é “adjetivo relativo à comunidade, que é comum a vários indivíduos. Realizado ou idealizado por várias pessoas, geralmente por quem vive ou compartilha do mesmo espaço, território, sociedade: trabalho comunitário; além disso, apresenta como sinônimo direto o termo social” (Braz, 2004).

Quando optamos por utilizar o termo “social, comunitário, popular” jamais será uma negação das premissas de caráter racial do PVNC, pois corroboramos com os entendimentos de Moacir Gadotti (2012, p.1) que “educação popular, educação social, educação comunitária são conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum”, para romper gargalos sociais encaminhados pelas questões de ordem econômica, social, cultural, entre outras.

Segundo o autor, existem algumas diferenças no contexto teórico e prático quando cada uma dessas categorias é analisada separadamente. Não pretendemos aferir o juízo de valor sobre a utilização do termo mais assertivo, apenas manifestar o entendimento das similaridades e complexidades opostas sobre tais nomenclaturas.

Gadotti (2012) bebe da enriquecida fonte de Paulo Freire (1996) sobre a luz de uma política pedagógica emancipatória representada pela “Educação como Práticas Libertadoras” e defende que educação comunitária normalmente é caracterizada por movimentos sociais que reivindicam uma ação transformadora, no sentido de viabilizar a mobilidade social. A educação popular tem suas origens nas práticas cotidianas dos setores populares, enriquecidas pelo conhecimento do senso comum.

A educação popular, em algumas literaturas, apresenta-se como um ambiente de aprendizagem “rústico”, ao analisar que a produção do saber pode acontecer nos mais diversos ambientes, não somente naqueles tradicionalmente indicados como eficientes. Além das salas de aulas de algumas escolas ou instituições, oferecem-se como alternativa também casas adaptadas, alguns galpões, parques, entre outros diversos lugares. Paulo Freire (1997) afirma que

o aprender/ensinar, esse vasto movimento elástico de troca, poderia acontecer até mesmo à sombra generosa de uma árvore. Em outras palavras, podemos entender que os mais diversos espaços são potenciais lugares para iniciativas educacionais, para se promover as experiências aprendizagem. Entendemos que os aparatos tecnológicos são ferramentas também de relevância e construção do lúdico, mas o processo da docência não se faz refém desses mecanismos.

Trentin Silveira (2018, p.100), ao relatar as experiências de Grasmsci, exalta a aproximação empática e afetiva entre o educador e o estudante, a produção de laço incrementando o movimento da construção do saber, procurando “estabelecer com eles relações mais humanas, amigáveis, afetuosas, para compartilhar seu saber e suas habilidades, buscando elevá-los culturalmente” (Silveira, 2018, p. 100).

A educação popular é defendida por Paulo Freire como uma ferramenta de defesa para o oprimido (nomenclatura que autor usa para quem está socialmente mais vulnerável). Sob interpretações freireanas, a educação popular consiste em dissolver o mecanismo de opressão ao aproximar os conteúdos regulares do processo de intervenção da realidade, na produção do saber de forma coletiva e transformadora. Por esse, motivo, o autor sempre indicou não seguir um engessamento do processo da aprendizagem limitado pelas paredes das salas de aulas.

A educação incorporada na concepção de Freire, dentro do viés popular, defende a condição de libertação do oprimido quando este se aproxima cada vez mais dos diversos saberes e entendimentos críticos da realidade na qual o indivíduo está inserido socialmente. A partir de então terá mais capacidade de romper as amarras da lógica e hierarquia social da qual faz parte. A proposta é sempre gerar, de forma coletiva, a compreensão a respeito das condições sociais que ocasionam e alimentam a opressão. Para romper esse processo, a educação promove um movimento dialético de ação-reflexão-ação para impelir o que o Freire descreve como emancipação dos sujeitos.

Sendo assim, a educação popular se apresenta como uma alternativa esperançosa na construção do saber na prática cotidiana destinada aos subgrupos da população que se prestarão a ocupar os espaços não formais ou informais da educação.

O contexto da educação social é o “contraponto da educação escolar”

(Silva; Souza Neto; Moura, 2011, p.7). A educação social é direcionada para uma parcela da sociedade que ainda não foi contemplada a concluir uma trajetória educacional almejada, em que o Estado permanece ausente no campo educacional formal. Abrem-se, então, espaços para ações educacionais de caráter social em ambientes não formais, que lutam pelo direito à educação de qualidade, a fim de completarem o currículo educacional regular (Gadotti, 2012, p.9).

O que chamamos de educação social teve início em Portugal a partir dos cursos técnicos, nomeados de profissionalizantes. Para Baptista (2012, p.41) a expressão educação social serviu durante muito tempo para designar a totalidade do campo prático da pedagogia social, abrangendo, assim, toda a educação dita não escolar.

A educação social fecunda no campo da pedagogia social ao ponto que valoriza a ação social pelos profissionais convencionalmente chamados de educadores sociais, está inserido na esfera trabalhista ação social contempla igualmente uma diversidade de perfis técnicos, em conformidade com novos valores e novos modelos de intervenção social. (Baptista, 2012, p. 42). A educação social converge e defende os mesmos objetivos que a educação popular, porém a chave mestra da transferência do saber está na figura do educador social ao passo que não se restringe a vocação, mas, ao processo de capacitação e qualificação para o ofício. O educador social tem o papel de construir um espaço de socialização e buscar a integração dos indivíduos que se encontram em risco de exclusão ou marginalização social.

Godotti contextualiza educação comunitária e seus atuais desdobramentos de caráter econômico, mas, como não é nossa finalidade estender sobre o tema, para este estudo o sentido de educação comunitário é contemplado ao referir-se:

A educação comunitária tem sido também entendida como desenvolvimento comunitário ou desenvolvimento de comunidades, contribuindo com a organização e o fortalecimento dos laços de solidariedade entre populações empobrecidas ou discriminadas. A solidariedade e o espírito de comunidade não é algo dado. É construído historicamente. (2012, p.13)

Desenvolve-se a percepção que a educação comunitária é a contramão de uma exclusão causada pelas formas capitalistas, em que

os campos de ação da educação comunitária podem ser tanto a escola formal, como a educação não formal, as organizações econômicas populares, a educação municipal, as escolas produtivas e mesmo as microempresas, os movimentos populares e sociais. (Gadotti, 2012, p. 16)

Segundo Silva, desde a década de 1940, a temática sobre comunidade é endereçada ao discurso governamental no Brasil, colocada em prática na política educacional e nas campanhas nacionais de Erradicação do Analfabetismo. Neste período se preocupavam, entre outros fatores, com a integração da população ao desenvolvimento econômico, pela educação das comunidades. Mas foram nos anos 1970 e 1980 que se viu a grande difusão dos movimentos comunitários em defesa e valorização da dignidade humana (Silva, 2001, p.90-92).

Gohn (2010) descreve que, em 1980, os projetos comunitários eram associados à proliferação dos movimentos sociais ditos urbanos. Possuíam como perspectiva a participação mais efetiva do povo, a fim de possibilitar mudanças estruturais na sociedade brasileira, já que lutam pela construção de uma sociedade mais igualitária e reivindicam o papel do Estado para minimizar as diferenças, principalmente no âmbito educacional (Gohn, 2010, p.40).

Em suma, apesar das complexas particularidades das nomenclaturas, os sobrenomes “popular, social e comunitária” da Educação convergem para um único sentindo, o desenvolvimento da democratização e a potencialidade da transformação social a partir do contexto de emancipação humana.

3

Ações afirmativas

*Meus filhos, nossa cabeça, nosso
mestre, o mundo é uma escola, amor.*
Profeta Gentileza

A inspiração para dissertar sobre o tema das ações afirmativas está baseada em atores que lutaram por justiça social. Segundo Marielle Franco “não estamos aqui para ‘tacar’ pedra o tempo todo (...) ter esse espaço é garantia de que outro mundo é possível” (2018). No entanto, para uma considerável parcela da população brasileira, para fazer parte do mundo universitário é preciso vencer muitas barreiras. O que veremos nesse capítulo é uma tentativa emergencial para minimizar o processo de exclusão.

O debate sobre ações afirmativas, apesar de historicamente recente, já percorreu um longo caminho e tem sua trajetória no cenário nacional baseada nas políticas de reconhecimento a partir dos novos movimentos sociais efervescentes da década de 1980. Segundo Flavia Piovesan indica, as políticas de ações afirmativas representam a luta contra as diversas formas de discriminação e injustiça, nas diferentes esferas de gênero, orientação sexual, idade, raça, etnia e demais critérios.

Assim, três vertentes no que tange à concepção da igualdade: a. igualdade formal, reduzida à fórmula “todos são iguais perante a lei” (que no seu tempo foi crucial para a abolição de privilégios); b. igualdade material, correspondente ao ideal de justiça social e distributiva (igualdade orientada pelo critério socioeconômico); e c. igualdade material, correspondente ao ideal de justiça como reconhecimento de identidades (igualdade orientada pelos critérios gênero, orientação sexual, idade, raça, etnia e demais critérios). (Piovesan, 2005, p.46)

As ações afirmativas possuem um amplo debate e variados eixos temáticos, quanto modalidade de política, e são aplicadas em diversas partes do mundo. Em 2001, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu a Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância. A Conferência, na cidade de Durban, na África do Sul, em suas recomendações, endossa a importância de os Estados adotarem ações

afirmativas para aqueles que foram vítimas de discriminação racial, xenofobia e outras formas de intolerância correlatas (Piovesan, 2005, p.50).

O jurista Joaquim Barbosa Gomes descreve sobre a transcendental importância em dissertar ações afirmativas por dois principais motivos:

Primeiro, por ter incidência direta sobre aquele que é seguramente o mais grave de todos os nossos problemas sociais (o qual, curiosamente, todos fingimos ignorar), o que está na raiz das nossas mazelas, do nosso gritante e envergonhador quadro social – ou seja, os diversos mecanismos pelos quais, ao longo da nossa história, a sociedade brasileira logrou proceder, através das mais variadas formas de discriminação, à exclusão e ao alijamento dos negros do processo produtivo consequente e da vida social digna. Em segundo lugar, por abordar um tema nobre de direito constitucional e de direito internacional, mas que é, curiosamente, negligenciado pelas letras jurídicas nacionais, especialmente no âmbito do Direito Constitucional. (Gomes, 2012, p.1)

Dentre os diversos eixos temáticos que percorrem as ações afirmativas, para a produção deste trabalho ficaremos voltados às políticas de acesso ao ensino superior referentes à educação, indicando a importância da implantação do sistema de cotas.

3.1

Ações afirmativas e Pré-vestibular Comunitário

É impossível pensar nos Pré-vestibulares Comunitários sem a compreensão das políticas de ações afirmativas. Tal compreensão é o reconhecimento que “cursinhos pré-vestibulares comunitários podem ser considerados como um desequilíbrio” (Whitaker, 2010, p. 290) no processo escolar regular. É a legitimação de que há algo errado com os princípios da educação brasileira, pois até as camadas mais privilegiadas da sociedade, muitas vezes, precisam se submeter a esse sistema de cursinhos – porém de caráter privado – com estratégias pedagógicas newton-cartesianas (Behrenes, 2011, p.53) de característica conservadora e fragmentada, um intenso processo normativo, baseado em uma ação antipedagógica de intensa “decoreba”.

Os profundos enclaves da educação são acentuados no momento que uma numerosa parcela da população economicamente mais vulnerável fica fora da construção conceitual da intelectualidade brasileira, um processo que retroalimenta as mazelas da nossa nação. Quando se contextualiza a questão de gênero,

cor e sexualidade amplifica-se ainda mais o processo de desigualdade de oportunidade de condição.

O conceito de ação afirmativa definida pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA), sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), apresenta:

Ações afirmativas são políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente. Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural. (Gemaa, 2008)

Segundo Gomes,

As ações afirmativas constituem, pois, um remédio de razoável eficácia para esses males. É indispensável, porém, uma ampla conscientização da própria sociedade e das lideranças políticas de maior expressão acerca da absoluta necessidade de se eliminar ou de se reduzir as desigualdades sociais que operam em detrimento das minorias, notadamente as minorias raciais. E mais: é preciso uma ampla conscientização sobre o fato de que a marginalização socioeconômica a que são relegadas as minorias, especialmente as raciais, resulta de um único fenômeno: a discriminação. (2001, p.45)

A produção conceitual sobre ações afirmativas é uma iniciativa norte-americana, na década 1950. Surgiu em resposta aos Movimentos dos Direitos Civis Americanos. Eram demandas relacionadas às medidas de proteção e igualdade para uma parcela da população americana que apresentava um estado de vulnerabilidade maior.

Ação afirmativa é um termo que surgiu nos Estados Unidos e que denota, além da simples extinção da prática discriminatória, qualquer medida adotada para corrigir e/ou compensar por atos discriminatórios passados ou presentes, bem como para prevenir novas ocorrências de discriminação; “é a denominação geral de ações destinadas a superar e compensar os efeitos da discriminação passada e, assim, prover oportunidades iguais para grupos que foram historicamente discriminados de forma negativa, especialmente os afrodescendentes”. (Ribeiro, 1996, p.8)

Sentir-se incomodado com o grande vazio demográfico afrodescendente nos arranjos centrais do espaço social é uma inquietude que vem sendo formulada e reformulada a partir da ótica educacional. Ela começa pela precarização

do início da vida escolar, segue na invisibilidade do processo educacional regular e alcança um estorvo na carreira profissional, confiscando a liberdade e a fluidez social nas tomadas de decisão, o que gera uma teia de ações discriminatórias.

A defesa do acesso ao nível superior no cenário brasileiro não assegura o sucesso profissional ou a produção de uma carreira brilhante, um emprego e/ou bons salários. Porém, há um mínimo que deve ser concedido a qualquer pessoa, o poder de escolha e, principalmente, de formação e informação. Para isso, a educação tem caráter valioso, por ser este nível que mais influencia a ruptura dos ciclos de pobreza (Silva, 2003, p. 59).

O tema da ação afirmativa tem grande amplitude e complexidade. Muitos autores relatam esse ambiente de muitos significados porque sua relevância perpassa ações subjetivas e objetivas sobre o coletivo e individual, atuações e situações, construídas por leis e teorias ou por cenas do espaço vivido. A complexidade está em analisar categorias que estão em uma posição de elevada abrangência na composição do tecido social, como políticas de redistribuição e de reconhecimento e justiça social (cf. Fraser, 1997; Sousa Santos, 2003; Souza, 2001).

No âmbito educacional, o Programa Universidade para Todos (Prouni) é entendido como uma política de ação afirmativa de grande abrangência nacional, desenvolvida por órgãos governamentais, implementada em 2005 através da Lei nº 11.096 (Brasil, 2005). Ele é um projeto que vai ao encontro da compreensão que o ambiente universitário se faz pela pluralidade e diversidade dos estudantes, ampliando a possibilidade de inserção das classes sociais mais vulnerais nos diversos ambientes universitários, sejam públicos, sejam privados. No âmbito privado, o governo federal designa ao estudante de baixa renda a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais (que variam entre 50% e 25%) em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. (Amaral e Oliveira, 2011, p. 26).

A Carta Magna – a Constituição Brasileira de 1988 – é considerada um dos dispositivos mais importantes na busca da igualdade material, que transcende a igualdade formal (Piovesan, 2005). O artigo 5º da Constituição afirma que todas as

pessoas são iguais perante a lei. Esse pensamento desenvolve uma ideia de universalismo e uniformidade dentro de um cenário social utópico. Por outro lado, emerge o pensamento de justiça que, nos tempos atuais, exige tanto redistribuição como reconhecimento (Fraser, 2006).

Apesar de não termos a pretensão de enfatizar as questões raciais, faz-se necessário salientar que a discriminação racial no Brasil é mesmo bastante particular e precisa ser vista com atenção, principalmente no âmbito educacional. A educação não deveria ser, mas infelizmente é, um ambiente de fomento da lacuna entre ricos e pobres, qualidade e desigualdade, principalmente na educação superior – segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas 14,38 por cento das pessoas com nível superior completo são negras. Agrega-se, para mitigar essa problemática, a chamada *Lei das Cotas*, Lei nº 12.711/2012. Segundo o site do Ministério da Educação, esse dispositivo busca garantir a reserva de 50 por cento das matrículas, por curso e turno, nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a estudantes provenientes integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50 por cento das vagas permanecem destinados para ampla concorrência.

As vagas são reservadas para metade dos estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (Ministério da Educação, 2012).

Costuma-se dizer que não tivemos *apartheid*, mas o racismo “à brasileira” persiste na nossa cultura e na nossa sociedade. Apesar da omissão de um regime legal de segregação racial, há muitas produções ao longo das três últimas décadas que atestam uma profunda desigualdade entre pessoas brancas e negras (pretas e pardas, segundo o sistema de classificação utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O principal objetivo das ações afirmativas é dar um novo significado à noção de justiça social e promover os direitos e a diversidade nas esferas públicas e privadas. Neste contexto, a inclusão de uma parcela da sociedade com ampla vulnerabilidade no ensino superior torna-se um amplo e significativo exemplo da importância das ações afirmativas.

Há relevância em manter o tema sempre em debate, pois ele não é só sobre acesso ao nível superior e sobre repensar os processos de desigualdade raciais. A constância de promover essa abordagem buscar mudanças na estrutural e no conjunto de produção cultural, para banir o preconceito e discriminação deixa como precária herança do sistema colonial.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

Para termos uma melhor profundidade neste capítulo, farei a abordagem do tema usando a primeira pessoa do singular, pois relatarei experiências pessoais do objeto de estudo deste trabalho.

Desenvolvido na Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio, o PVC Seja Mais possui uma trajetória de muitos meandros. O ano do seu surgimento foi 2011, com apenas uma turma de 35 estudantes, os quais precisavam ter algum vínculo direto ou indireto com a universidade. O projeto foi pensado a partir de relatos dos funcionários que procuravam a Pastoral para lamentarem o insucesso que haviam tido nas provas dos vestibulares e sua escassez de tempo e orientação na preparação escolar para os exames dos vestibulares. Por terem vínculo empregatício com a universidade, poderiam estudar com 100 por cento de bolsa no curso escolhido, mas para isso seria necessário ultrapassar a barreira do “temido” vestibular.

A coordenação geral da Pastoral, na época administrada pelo padre jesuíta Alfredo Sampaio, iniciou esforços para a implementação do projeto, inicialmente chamado de Pré-vestibular Comunitário Padre Anchieta. A escassez de registros e documentos da época deixam uma lacuna e incertezas quanto aos números de envolvidos e procedimentos utilizados para implementação do projeto. Além disso, os coordenadores tanto da Pastoral quando do pré-vestibular já não possuem nenhum vínculo com a universidade há pelos menos seis anos, o que contribui para diluir ainda mais os dados com o passar dos anos.

Atuei como educador voluntário na área de Geografia nos anos 2011 e 2012. Após minha contratação como funcionário da Pastoral, deixei o projeto e comecei a atuar nos segmentos administrativos da Pastoral. Nesse mesmo

período, a coordenação geral da Pastoral e do pré-vestibular apresentou mudanças. A chegada do jesuíta José Abel para coordenar a PUA trouxe uma nova identidade para a Pastoral, com o objetivo de fomentar valores éticos, humanos e cristãos na juventude universitária através de seus projetos. Sua missão é contribuir na formação do futuro profissional, não somente no âmbito acadêmico, mas como cidadão e ser humano, orientando os alunos em seu projeto de vida.

No papel de observador, acompanhei o PVC em momentos de intensa evasão discente e enorme fluidez do corpo docente voluntário, formado em sua maioria pelos próprios estudantes da universidade. Nos iniciais (2010-2011) não temos nenhum registro de aprovados em vestibulares.

Em 2014, o pré-vestibular passou a ter nova coordenação, com funcionários vinculados à Pastoral da universidade. No momento em que apresenta uma configuração mais expressiva e permanente dos educadores voluntários, o projeto deixa de contemplar apenas os funcionários que tinham algum vínculo com a universidade e passa a atender o público da classe trabalhadora externa à PUC. Seu foco amplia-se para atender os setores, grupos ou frações de excluídos socialmente do acesso aos ensinos superiores e egressos de escolas públicas, assumindo atributos fundantes que correspondem aos Pré-vestibulares Comunitários (Zago, 2009, p.152).

4.1

A estrutura e dados do PVC da PUC-Rio

Em 2016, assumi a coordenação e iniciei a implementação de uma nova conjuntura organizacional no projeto, ainda chamado de PVC Pe. Anchieta. Vale ressaltar que, desde sua concepção até os dias atuais, o projeto não apresenta uma configuração de movimento social de caráter popular. As mudanças na composição organizacional do projeto foram implementadas durante o ano de 2016 e consolidadas em 2017.

O foco estava na atuação do educador voluntário. Foram pensadas diretrizes que fomentavam o processo de integração e motivação desses voluntários com o projeto. Inicialmente, foi estimulada a formação de uma equipe de educadores a fim de que lecionassem concomitantemente, obtendo uma participação ativa ou apenas de observação dos docentes voluntários. Além

disso, foi desenvolvido projeto de ação interdisciplinar, como “aulão” de assuntos transversais.

Ações de regulação da solicitação de pedidos, requerimentos, materiais didáticos, preenchimento e consentimento do termo de compromisso, produção de um diário de classe e obrigatoriedade de plano de aula compartilhado foram implementadas ainda em 2017. Isso era algo que poderia gerar o afastamento dos educadores, por trazer mais deveres e atribuições a suas rotinas. Porém, afirmando os pressupostos idealizados, essas medidas fizeram o projeto ainda mais reconhecido pela universidade.

No final de 2017, oficialmente o projeto recebe o nome de Pré-vestibular Comunitário Seja Mais e começa a receber o apoio de um pequeno mas importante grupo de professores da universidade, fomentando ainda mais o objetivo de um núcleo de formação do educador voluntário.

Nesse mesmo ano, o projeto teve mais de 250 candidatos inscritos, constituindo um recorde até aquele momento. Iniciamos o ano com três turmas de 70 estudantes cada e mais de 35 educadores voluntários, atuando nos projetos de plantão de dúvidas, acompanhamentos vocacionais, preparação para as provas de habilidade específica de design, inglês e redação, entre outros projetos.



Figura 1 – Imagem da Semana de Aula Inaugural 2018 – Convidados, o professor Dr. Otávio Leonídio e a atriz Maria Ribeiro. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/>

Em 2018, o projeto recebe uma nova identidade visual desenvolvida a partir da parceria com o laboratório gráfico do departamento de Design em uma ação que tinha a finalidade de promover a formação da estagiária estudante do curso de Design, egressa do PVC Seja Mais.



Figura 2 – imagem que representa a nova identidade visual do projeto, produzida por Raiana Chaves, ex-vestibulanda e atual estudante de Design-Puc-rio. Bolsista 100% por mérito acadêmico. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/>

Outra proposta implementada foi o projeto “Escuta Ativa”, em que os universitários prestes a se formarem em psicologia praticavam o ofício de sua profissão, recebendo a supervisão e orientação do professor universitário. Tinha a finalidade de prestar assistência na qualidade da permanência estudantil pautada nos acompanhamentos psicológicos.

Ainda em 2018, outra ação inovadora: o PVC Seja Mais abriu uma Turma “D”, voltada para duas candidatas deficientes visuais que haviam se inscrito e, após passarem pelo processo de seleção regular, foram selecionadas. Foi necessário abrir essa turma em um novo horário, com as aulas ministradas em horários vespertinos para atender as necessidades das estudantes, já que as aulas regulares do PVC Seja Mais findavam no avançar da noite, às 22h20. Ambas

moravam no Instituto Sodalício⁷ na sede Tijuca, e não poderiam frequentar as aulas no horário noturno.

Mesmo não havendo estrutura psicopedagógica e materiais didáticos adaptados, os educadores voluntários e a coordenação aceitaram o novo desafio, fizeram parcerias e aulas experimentais no Instituto Benjamin Constant⁸ que atualmente é centro de referência, em nível nacional, para questões da deficiência visual, capacitando profissionais e assessorando instituições públicas e privadas nessa área, além de reabilitar pessoas que perderam ou estão em processo de perda da visão.

Foram feitos alguns ajustes no modelo de lecionar e desenvolvidos novos materiais didáticos adaptados que pudessem gravar as escrituras em alto relevo, com texturas diferenciadas e reprodução de som, para assim serem aplicado nas diversas disciplinas. Um exemplo de material produzido pelos educadores foram os mapas geográficos e as células para as aulas de biologia a partir de lixas, massa de modelar, barbantes, tampas de garrafa, papéis em diversas gramaturas.

Além disso, a coordenação adaptou o sistema de avaliação, buscando instruções com leitores⁹ especializados para capacitar os educadores na produção das questões de prova e desse modo preparar as estudantes para os

⁷ Segundo informações colhidas no website da instituição: o Sodalício da Sacra Família é uma instituição criada para acolher pessoas do sexo feminino com deficiência visual, apoiando a vida dos que buscam plenitude com sua deficiência, cultivando soluções transformadoras, assim facilitando a inclusão social, respeitando as necessidades individuais e sociais por meio de uma assistência amorosa e especializada. Através de suas ações visa promover a pessoa humana, oferecendo um ambiente digno e possibilitando às suas assistidas a integração na rede de ensino oficial; o desenvolvimento de suas habilidades como: canto-corais, música – instrumentos, atividades manuais, informática e a inserção e reinserção sócio familiar, contribuindo assim para a construção de uma identidade própria no exercício pleno de sua cidadania (disponível em: <https://sodaliciodasacrafamilia.org/>, acesso em: 4 fev 2020).

⁸ O Instituto Benjamin Constant foi fundado por José Álvares de Azevedo que, em 1850, atualmente localizado no bairro da Urca no Rio de Janeiro- RJ, dotado de autonomia administrativa limitada, ligado diretamente ao Gabinete do Ministro de Estado da Educação. Centro de referência nacional na área da deficiência visual, tem como competências fundamentais, subsidiar a formulação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, quanto à temática da deficiência visual; promover e realizar cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu, extensão e aperfeiçoamento, na temática da deficiência visual; entre outras atribuições. Atualmente, o Instituto Benjamin Constant é mais do que uma escola que atende crianças e adolescentes cegos, surdocegos, com baixa visão e deficiência múltipla. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/o-ibc/acesso> em 4 fev 2020.

⁹ Segundo Cristiano Marins Moreira (2004), existem três maneiras que tornam viável a leitura para um indivíduo com dificuldades visuais consideráveis, tais como: o Sistema Braille; o uso do computador; e o auxílio do leitor. As tarefas a serem oferecidas aos leitores são várias. Contudo, as mais procuradas são: leituras, gravações, explicações e ajuda em pesquisas. (Moreira, 2004)

exames dos vestibulares.

Para integrar a equipe de educadores, o projeto contou com a estudante egressa do Instituto Benjamin Constant e, atualmente, a primeira aluna deficiente visual do curso de licenciatura em biologia da PUC-Rio – Eduarda Santos. Eduarda dava suporte em todas as disciplinas, usando sua experiência de vida para balizar os professores. Essa ação do PVC Seja Mais obteve visibilidade na mídia, e foi publicado no Jornal impresso O Dia, em uma matéria sobre a oportunidade que o PVC Seja Mais dava pessoas deficientes, conforme apresentado a seguir na figura 3.

ODIA

DOMINGO, 6/5/2018

Empregos

Imóveis

Casa

Classificados

MAIS FÁCIL DE ACHAR, VENDER E COMPRAR

BERNARDO COSTA
bernardo@odiario.com.br

Roberta Rocha, de 18 anos, está no primeiro período da Faculdade de Medicina Veterinária, na Universidade Estadual do Norte Fluminense (Unef), em Campos dos Goytacazes. A preparação, feita no Pré-Vestibular Social (PVS) da Fundação Cecierj, foi importante não apenas para conquistar a vaga, mas para garantir o conhecimento que está lhe ajudando nas primeiras matérias da graduação. Além do curso da Fundação Cecierj, que está com inscrições abertas para 3.775 vagas, há outras iniciativas de programas preparatórios com aulas gratuitas nas principais instituições do estado, como PUC-Rio, Uerj e UFRRJ.

Os programas surgiram como forma de atender a demandas locais ou específicas. E, aos poucos, foram sendo ampliados. Comum a todos eles, a prioridade a alunos com baixa renda familiar. Na Fundação Cecierj, o PVS teve o objetivo inicial de ajudar alunos do interior a conquistar as oportunidades do Consórcio Cecierj, que disponibiliza vagas de ensino a distância nas universidades públicas em todo o estado. Hoje, ele prepara também com foco no Enem, na Uerj e na Unef. Por ano, o curso atende a 10 mil alunos.

As aulas, que acontecem em 50 polos instalados em todas as regiões do estado, começam em junho. Apesar do direcionamento para as quatro provas específicas, o conteúdo se aplica a qualquer processo seletivo para ingresso em curso de graduação. Em caso de disputa por vagas, terão prioridade os alunos que tiveram renda familiar abaixo de R\$ 1,3 mil, diz Luiz Bento, coordenador do Pré-Vestibular Social da Fundação Cecierj, órgão vinculado ao governo estadual.

Na PUC-Rio, o Pré-Vestibular Comunitário Seja + é mantido pela Pastoral Universitária Anchieta. As inscrições acontecem no mês de novembro. São três turmas por ano, com total de 150 estudantes. As aulas são dadas por professores e alunos da PUC-Rio, nas salas de aula da universidade, na Góvea. "O programa começou para preparar filhos de funcionários terceirizados da instituição, mas foi ampliado para atendimento à população de bai-

Pré-Vestibular na PUC-Rio para candidatas de baixa renda. Índice de aprovação de 71%



UNIVERSIDADE PARA TODOS

Cursos de pré-vestibular gratuitos são voltados para a população de baixa renda no estado do Rio



Turma do PVS da Fundação Cecierj, no polo São Pedro da Aldeia

va renda que vive em regiões próximas", diz Leandro Assis, coordenador do Pré-Vestibular Comunitário Seja +.

Agostinho Filho e Jonathan Nascimento estão na mesma classe do curso da PUC-Rio, e pretendem cursar a faculdade de Direito. Para Agostinho, que mora na Cruzada São Sebastião, o próprio fato da existência de cursos de pré-vestibular social ou comunitário é um sinal de que a sociedade precisa mudar.

Em especial, na educação. "O ideal é que houvesse igualdade de oportunidades para todos. Não posso ficar sentado esperando que isso aconteça. Por isso, quero usar o Direito como ferramenta para contribuir para mudanças", argumenta Jonathan, que vive na Chácara do Céu, segue a mesma linha de raciocínio. "O programa oferece um trilhão importante para a gente. Mas quem faz um pré-vestibular privado, ainda sai em vantagem", diz.

INSCRIÇÕES

FUNDAÇÃO CECIERJ
As inscrições vão até quinta-feira e devem ser feitas em caderj.edu.br/prevestibular. Mais informações pelo telefone 0800-2620636.

PUC-RIO
As inscrições são em novembro, pelo site pvcslu-mais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/. Em 2017, o índice de aprovação foi de 71%.

UERJ
O Pré-Vestibular Social é promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas Estaduais do Rio (Sinuperj). Inscrições em outubro, no sede do sindicato, no campus Maracanã da Uerj. Informações no site www.sinuperj.org.br.

UFRRJ
Inscrições em abril para o Pré-Vestibular Samara Machet. As vagas são para alunos de escolas públicas que vivem no entorno da ilha do Fundão. Informações: www.presamora.wixsite.com/samora.

Projeto abre turma de pré-vestibular para deficientes visuais

O Pré-Vestibular Seja + inaugurou uma nova turma neste ano, voltada para a capacitação de deficientes visuais. Na noite da última quinta-feira, a professora de Biologia Eduarda Santos, que perdeu a visão aos 3 anos, ensinou a alunos sobre a composição de células vegetais. Com as mãos em uma maquete, elas aprenderam sobre formação do organismo a partir do taio.



Eduarda ensina Paulina e Paloma, com auxílio da voluntária (de azul)

"Olha aqui o cloroplasto. São eles que realizam a fotossíntese", explicava a professora, enquanto todos sentiam entre os dedos a estrutura da substância, feita em isopor, barbanete e gel.

Além das maquetes, os alunos utilizam massa de modelar e uma tela sobre a qual posicionam o papel. Ao escreverem, as letras ficam em alto relevo. As técnicas foram utilizadas pelos professores do curso de Biologia

da PUC-Rio para ensinar Eduarda, a única deficiente visual da graduação.

No projeto, ela repassa o que aprende às colegas. Paloma Bernardi, de 25 anos, também quer ser professora. "Pretendo estudar Pedagogia para atuar na educação infantil", diz.

A colega de turma Paulina Ferreira, de 77, pretende estudar História e Letras. "A chance de estudar aprendeu e tenho que abraçar",

Figura 3 – Jornal O Dia, edição 6 maio 2018. Fonte: arquivo pessoal.

No próximo capítulo, será relatada, por um dos entrevistados, essa experiência, com os desafios e possibilidades de um novo processo que o PVC Seja Mais desenvolveu, fortalecendo suas premissas de formação desenvolvimento dos educadores voluntários. Em 2018, foi a primeira vez que as vestibulandas deficientes visuais tiveram acesso a um curso que preparava

para as provas dos vestibulares, elas tiveram grandes avanços na autonomia de seus estudos e foram classificadas, porém, não convocadas pelas universidades em que pleitearam as vagas.

O ano de 2018 marcou a etapa final de consolidação do projeto, tanto junto à Pastoral Universitária Anchieta quanto junto a outros departamentos da PUC-Rio. As ações implementadas ampliaram a relevância do projeto no âmbito da participação dos voluntários, ampliando o número de aprovados e estabelecendo novos recordes em inscrições, como ilustram as figuras a seguir, que refletem o panorama ao final do ano:



Figura 4 – aprovações PVC Seja Mais. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/> Acesso em: 17 jul 2019.



Figura 5 - algumas das educadoras voluntárias da equipe de biologia. No final de cada ano o projeto faz uma cerimônia de encerramento e elas ganharam o Prêmio Seja Mais de equipe do ano 2018. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/> Acesso em: 17 jul 2019.



Figura 6 - cerimônia de encerramento das atividades escolares 2018. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/>

O PVC Seja Mais possui sua rotina escolar de funcionamento de segunda a sábado, no período noturno, a fim de contemplar a classe trabalhadora – grande parte do nosso público exerce atividades profissionais durante o dia. Tem parceria com diversos departamentos da universidade que dão apoio na infraestrutura necessária para o desenvolvimento de todos os seus projetos derivados, constituindo-se isso em um fator primordial para propiciar o ensino de qualidade e promover a formação dos educadores.



Figura 7 – uma das salas de aula disponibilizada pela PUC-RIO para as aulas do PVC Seja Mais. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/>

Nossas expectativas ampliaram quando firmamos, em 2019, a parceria com o Departamento de Educação da PUC, com a criação do Grupo de Assessoria Pedagógica (GAP), implementando iniciativas paralelas de formação de metodologias ativas e acompanhamento da didática dos educadores por pedagogos voluntários.

O PVC Seja Mais foi ganhando notoriedade no espaço acadêmico ao longo dos anos, não apenas pela quantidade de departamentos da universidade e pessoas que começaram a interagir de forma direta e indireta com o projeto, mas pela demanda em atender um exponencial crescimento da candidatura à vaga de docente no projeto, ao mesmo passo em que aumentavam as aprovações de seus alunos em diversas universidades públicas e particulares.

Para o ano letivo de 2018 chegamos a ter mais de 300 inscrições. Neste mesmo ano, abríamos uma frente de 4 turmas, com total de 120 estudantes. Seguimos tendo três turmas com os horários regulares de 19 às 22h20 e a turma especial para as duas estudantes deficientes visuais, já mencionada. Mesmo sem uma estrutura especializada, as novas parcerias supriram a demanda. O mais surpreendente foi o apoio que a equipe da coordenação teve dos educadores e educadoras que se debruçaram a aprender as novas técnicas de ensino-aprendizagem para promover uma educação inclusiva.

O PVC Seja Mais iniciou o ano letivo de 2019 atendendo 160 vestibulandos divididos em três turmas, orientados por 83 educadores e monitores voluntários.

Neste mesmo ano, ultrapassamos o quantitativo de 700 candidatos inscritos no projeto. Em 2016, já havíamos criado uma metodologia de inscrições que supria as necessidades do projeto ao longo do crescimento por uma vaga. Desse modo, fazemos o processo de inscrições pelo site no início do mês de novembro, porém as entrevistas de caráter classificatório só ocorrem em fevereiro do ano seguinte, e esse período de espera acaba gerando a desistência de alguns candidatos, ora por terem tido sucesso na aprovação nos vestibulares cujo resultado sai em meados de janeiro, ora por mudança dos planos de vida pessoal. Tivemos relatos de candidatos que mudaram de emprego, ou foram transferidos para outras cidades, implicando em algumas desistências do número inicial de inscritos.

4.2

Os projetos do PVC Seja Mais como espaço de formação

O PVC Seja Mais é pensando para atender os anseios dos seus dois grandes núcleos, tanto os vestibulandos que aspiram o ingresso na universidade quanto o corpo docente que compõe o voluntariado. Para o projeto funcionar em sua potencialidade, é necessário manter o processo de motivação desses núcleos, uma vez que eles são corresponsáveis pela manutenção desse espírito motivacional. Explico da seguinte forma: o educador voluntário se sente prestigiado ao ver a sala com a capacidade máxima de presenças e os estudantes se sentem respeitados ao receberem a aula proposta na sua grade de horários. Para isso, a coordenação do projeto se preocupa em dar o suporte que o educador voluntário precisa e com a cobrança da assiduidade dos estudantes.

A tabela 1, a seguir, indica a aprovação dos alunos do PVC, apresentando tanto o número de voluntários que efetivamente trabalharam no projeto quanto as inscrições. Os vestibulandos convocados a integrarem as turmas do PVC Seja Mais são aqueles que efetivamente frequentaram o curso: passaram por todo o processo de seleção classificatória – a inscrição pelo site, a entrega os documentos de comprovação socioeconômica e a fase eliminatória, que são as entrevistas com cada candidato. No final desse processo, os candidatos são convocados para integrar o PVC Seja mais e devem ter uma frequência mínima de 75 por cento nas aulas. Esse processo de seleção é feito porque o projeto não consegue atender todos os candidatos que se inscrevem no projeto, ainda que, nos últimos anos, de forma gradual, por conseguir o incentivo com novos recursos (seja pessoal, infraestrutura

e financeiro), o PVC Seja Mais tenha ampliado consideravelmente o número de vagas. Ele se tornou reconhecido e obteve recordes nos números de inscrições.

Anos	Voluntários	Inscrições	Vestibulandos convocados	Aprovações
2016	25	102	60	25
2017	55	285	95	45
2018	76	385	120	74
2019	88	723	160	70

Tabela 1 - Aprovação do PVC Seja Mais. Fonte: <http://pvcsejamais.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/>

Para o projeto do pré-vestibular funcionar de forma integral, foram desenvolvidos alguns projetos de apoio, relatados a seguir:

a) *Plantão de dúvidas*: o objetivo é ser um espaço para estudo continuado, com revisão de matéria, auxílio na resolução de questões e atividades afins, sempre com orientação de um professor. Os plantões ocorrem de segunda a sexta-feira, das 15 às 19h, nas salas de estudo da Pastoral Universitária Anchieta.

b) *Projeto de inverno* (período das férias semestrais de julho): uma proposta de aulas temáticas, livres e experimentais, que ocorrem durante uma semana, no período das férias de julho. O objetivo é promover integração entre todos os estudantes e estimular outras formas de aprendizagem. A dinâmica das aulas é livre e cada educador escolhe o dia e quantidade de tempo que vai precisar. Em 2019, houve aulas de informática, participação em projetos de pesquisa, “quiz” sobre questões do vestibular, aula sobre a história do futebol, entre outras atividades.

c) *Projeto Rumo*: neste projeto, um voluntário de determinada área profissional realiza um primeiro contato com os estudantes PVC Seja Mais para apresentar um panorama do processo da graduação, da profissão e do mercado de trabalho, a fim de instigar e auxiliar o vestibulando quanto à escolha acadêmica que deseja seguir. Podem participar estudantes graduandos e profissionais já formados. A proposta é que o voluntário se disponibilize para tirar dúvidas e dar orientações individuais para aquele

vestibulando que se interessou. Com isso, a proposta é que os acadêmicos da PUC-Rio tenham contato com ação social de transformação de vida, já que eles serão um apoio nesse momento de insegurança na vida de um vestibulando.

d) *Simulado*: são provas que seguem os modelos de avaliação do ENEM, PUC-Rio e UERJ, com a finalidade de preparar, emocional e fisicamente, os vestibulandos para essas provas. Além disso, é uma ação de responsabilidade para os educadores voluntários a produção de prova, como mais uma atuação pedagógica.

e) *Aulão*: o projeto intitulado Aulão (nome bem conhecido entre todos os alunos de qualquer pré-vestibular) tem o intuito de promover aulas interdisciplinares e a interação entre os estudantes. Neste tipo de aula, educadores articulam os saberes de sua área acadêmica acerca de um eixo temático. A proposta é que esse encontro promova uma aprendizagem dialógica com os estudantes.

f) *G.A.P – Grupo de Assessoria Pedagógica*: foi elaborado para tornar ainda mais exitosa a experiência do docente em corroborar na legitimação do PVC Seja Mais, como um campo de formação respeitado na comunidade PUC-Rio. Em parceria com o Departamento de Educação, pudemos oferecer um suporte didático necessário para minimizar as lacunas entre a teoria e a prática em sala de aula. O encontro acontece quinzenalmente, sob a supervisão dos professores do departamento de Educação, e as atividades são pensadas a partir das demandas apresentadas pelos professores voluntários acerca dos desafios em sala de aula. A proposta é ser um grupo de escuta e troca de experiências a fim de desenvolver maior sociabilidade entre os professores e articular soluções coletivas para as questões que são encontradas na prática docente. Desse modo, promove-se a formação profissional desse voluntário em seus vários aspectos pedagógicos.

g) *Apoio Pré-Vestibular Seja Mais*: com o intuito de fomentar o voluntariado e o vínculo com os vestibulandos aprovados, criamos um grupo de apoio e cooperação para desenvolvimento de atividades relacionadas ao Pré-Vestibular e demais ações da Pastoral Universitária. Nesse projeto, fazemos o *Telemarketing Solidário*: que consiste em ligações dos ex-alunos e

aprovados nos vestibulares para os atuais estudantes que apresentam faltas consecutivas com o intuito de motivá-los a voltar para as aulas.

h) Semana de Diagnóstico Matemático: O objetivo deste projeto é estimular interação entre os professores das matérias exatas. Com propósito de gerar a interdisciplinaridade de conceitos e conteúdos entre as matérias de física, química e matemática. Essa iniciativa é essencial para mitigar as dificuldades que os nossos estudantes apresentam em resolver operações básicas de matemáticas.

Cada projeto dessa nova fase do Pré-Vestibular Seja Mais foi pensado, idealizado e planejado para atender não apenas as demandas que um pré-vestibular comunitário necessita sanar, mas, principalmente, integrar a identidade da Pastoral Universitária ao Marco Referencial da PUC-Rio.¹⁰

Com a finalidade de oferecer uma educação libertadora e promoção da cidadania, o PVC Seja Mais possui ainda algumas propostas pedagógicas que não têm como único e exclusivo objetivo a preparação para o vestibular. Na maioria dos PVPs há um eixo curricular denominado “cultura e cidadania”. É uma disciplina obrigatória que privilegia um trabalho educativo voltado para o exercício da

¹⁰ A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro é uma instituição de direito privado que se rege por seu Estatuto e Regimento e pela legislação em vigor. 2. É uma instituição dedicada ao ensino, à pesquisa e à extensão. É uma universidade particular e confessional, que tem ademais um caráter comunitário, enquanto está ligada a um grupo social que aceita a inspiração da tradição humanístico-cristã da Igreja Católica e, ainda, enquanto em sua atuação se concebe como uma instituição prestadora de um serviço de interesse público. Sua legitimidade como entidade particular, confessional e comunitária está fundamentada nos seguintes princípios estabelecidos pela Constituição da República do Brasil: 1) "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber" (art. 206, II; 2), "pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino" (art. 206, III). Inserida numa sociedade pluralista, a PUC-Rio tem sua identidade própria, fundamentada na concepção cristã do homem e do universo. A Universidade destina todos os seus recursos à consecução dos objetivos definidos em seus Estatutos, a saber:

- A promoção da cultura, nos planos intelectual, estético, moral e espiritual, em função do compromisso com os valores cristãos e como instrumento de realização da vocação integral da pessoa humana;
- O desenvolvimento do ensino e aprofundamento da investigação e da pesquisa, para criar e difundir uma visão do Universo e do ser humano consciente da necessária unidade que deve reger a multiplicidade do saber;
- A formação de profissionais competentes, habilitados ao pleno desempenho de suas funções, com sentido de responsabilidade e participação;
- A inserção na realidade brasileira, colocando a ciência a serviço da comunidade e orientando suas atividades para a edificação de um mundo melhor, de acordo com as exigências da Justiça e do Amor;
- O intercâmbio e a cooperação com instituições educacionais, científicas e culturais, nacionais e estrangeiras, no intuito de emprestar universalidade ao sentido de sua missão.

cidadania, que compreende, evidentemente, a formação de uma consciência crítica.
(Zago, 2009, p.152).

5 Pesquisa de campo

O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola.

Jean Piaget

Este trabalho aqui apresentado possui seus pilares em um estudo exploratório à luz da pesquisa social, a partir de uma abordagem de análise qualitativa, por entendermos que a pesquisa social desempenha um papel importante na vida cotidiana, nos contextos práticos, e proporciona conhecimento como uma base empiricamente fundamentada para a tomada de decisão políticas, administrativas e práticas (Flick, 2009, p.19- 25).

A pesquisa tem como objetivo geral investigar como o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais, na qualidade de espaço não formal de ensino, contribui na formação dos seus educadores voluntários. O processo de investigação se desenvolve a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com 7 educadores voluntários do PVC Seja Mais com ingresso no projeto em 2015 e atuantes até 2020. Têm idades entre 21 e 53 anos, ministrando as disciplinas de ciências humanas, biológicas e exatas. Alguns dos entrevistados ainda cursam a primeira graduação e outros já finalizaram a pós-graduação. A seleção dos sete entrevistados entre os mais de cinquenta educadores voluntários com interação direta com PVC Seja Mais, atuando semanalmente em sala de aula, foi aleatória. No entanto, para obter uma amplitude no campo de investigação, buscamos pelo menos um representante em cada área do saber (Ciências Humanas, Exatas e Biológicas). Optamos em chamar os educadores voluntários pela nomenclatura a partir da produção de cada entrevista, sendo assim, o primeiro é “Entrevistado 1” até o último a ser entrevistado, dando-lhe o nome de “Entrevistado 7”, como demonstrado na tabela 2 a seguir:

	Prof. voluntários	idade	cor	sexo	instituição	formação	pós	disciplina
1	entrevistada 1	29 anos	parda	fem	PUC-Rio	licenciatura/ graduação	não	humanas/ geografia
2	entrevistado 2	24 anos	pardo	masc	PUC-Rio	bacharel/ graduação	não	exatas/ matemática
3	entrevistado 3	30 anos	parda.	masc	PUC-Rio	licenciatura/ graduação	não	humanas/ filosofia
4	entrevistado 4	21 anos	branca	masc	PUC-Rio	bacharel/ graduação	não	exatas/ física
5	entrevistada 5	44 anos	branca	fem	PUC-Rio	bacharel/ gra- duação	sim	exatas/ química
6	entrevistada 6	24 anos	branca	fem	PUC-Rio	licenciatura/ graduação	não	biológicas/ biologia
7	entrevistado 7	53 anos	n. decl.	masc	FACHA	bacharel/ gra- duação	sim	humanas/ redação

Tabela 2 – Dados dos entrevistados – Infográfico. Fonte: elaboração própria.

Segue a qualificação completa dos entrevistados:

Dados da entrevistada 1 – Idade: 29 anos. Sexo: feminino. Cor: parda. Instituição de formação: PUC-Rio. Formação na graduação: Geografia. Ano de ingresso 2010. Ano de conclusão: 2016. Pós-graduação: sim. Professora do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: Geografia.

Dados do entrevistado 2 – Idade: 24 anos. Sexo: Masculino. Cor: parda. Instituição de formação: PUC-Rio. Formação na graduação: Engenharia da Computação. Ano de ingresso: 2013. Ano de conclusão: 2019. Pós-graduação: não. Professor do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: Matemática.

Dados do entrevistado 3 – Idade: 30 anos. Sexo: masculino. Cor: parda. Instituição de formação: PUC-Rio. Formação na graduação: Geografia. Ano de ingresso: 2010. Ano de conclusão: 2016. Pós-graduação: não. Professor do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: filosofia.

Dados do entrevistado 4 – Idade: 21 anos. Sexo: masculino. Cor: branca. Instituição de formação: PUC-Rio. Formação na graduação: Engenharia da Computação. Ano de ingresso: 2017. Ano de conclusão: 2022 (previsto). Pós-graduação: não. Professor do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: Física.

Dados da entrevistada 5 – Idade: 44 anos. Sexo: feminino. Cor: branca. Instituição de formação: PUC-Rio. Formação na graduação: Engenharia Química. Ano de ingresso: 1993. Ano de conclusão: 1997. Pós-graduação: sim. Professora do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: química. Professora referencial.

Dados da entrevistada 6 – Idade: 24 anos. Sexo: feminino. Cor: branca. Instituição de formação: PUC-Rio. Formação na graduação: Ciências Biológicas. Ano de ingresso 2015. Ano de término 2019. Pós-graduação: não. Professora do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: Biologia.

Dados do entrevistado 7 – Idade: 53 anos. Sexo: masculino. Cor: prefere não responder¹¹. Instituição de formação: FACHA. Formação na graduação: Comunicação Social. Ano de ingresso 1991. Ano de conclusão: 1994. Pós-graduação: sim. Professora do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais. Disciplina: Língua portuguesa e redação.

As entrevistas foram realizadas no Campus da PUC-Rio, entre outubro de 2019 e fevereiro de 2020. No início de cada entrevista era lido o seguinte texto pelo entrevistador:

A pesquisa Pré-vestibular Comunitário Seja Mais uma experiência na formação de educadores populares. Essa entrevista vai ter o prazo de cinco anos para ser utilizada. A entrevista será amplamente utilizada para obtenção de dados quantitativos e qualitativos para essa produção acadêmica. Todas as informações serão arquivadas e poderão ser aproveitadas, quanto à publicação de artigos ou quaisquer outros fins acadêmicos. A princípio não vai ser utilizado o nome do entrevistado.

A metodologia será de um questionário semiestruturado com perguntas prontas, porém com respostas livres. A entrevista será gravada e transcrita, o material produzido poderá ser usado na íntegra ou fracionado.

A escolha por desenvolver a pesquisa apoiada em metodologia qualitativa se dá pela aproximação do pesquisador e o objeto/ sujeito de seu estudo e o ambiente natural, procurando identificar questões subjetivas, percepções, pontos de vistas, desejos ou comportamento. Apoiados na teoria analítica de Godoy,

¹¹ O entrevistado 7 preferiu não indicar nenhuma referência sobre sua cor. A resposta no questionário era livre, deixando o entrevistado apto a deliberar o preenchimento ou não da resposta. No item cor do questionário compreendemos o aspecto da autoidentificação racial.

consideramos que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (1995, p.58)

Ainda de acordo com Godoy (1995, p.62) a análise flexível do conteúdo produzido a partir das entrevistas nos ajuda a clarificar e ilustrar dados qualitativos, quando utilizada a posteriori, ou seja, auxilia a investigar de maneira mais profunda e melhorar a qualidade da interpretação, ampliando o entendimento sobre o objeto de estudo, pois temos como intenção identificar as razões que fazem os professores e professoras se tornarem voluntários e as motivações de permanência no PVC Seja Mais. Sob este ponto de vista, a pesquisa qualitativa nos fornece ferramentas para “captar as nuances da percepção dos entrevistados para ampliar a compreensão da realidade vivida pelos respondentes e aprofunda a questão de como as pessoas percebem os fenômenos estudados” (Godoy 1995b, p.24).

A Educação necessita contar com profissionais comprometidos com as mudanças e transformações das complexas redes sociais, contribuir para o desenvolvimento das múltiplas linguagens, possibilitando uma abrangente comunicação, a fim de integrar os processos educacionais à realidade do educando e da pedagogia em diferentes espaços sociais que não tão somente a escola tradicional (Libâneo, 2013).

O Pré-vestibular Comunitário Seja Mais se caracteriza por ser um espaço plural de formação, tanto para os vestibulandos quanto para os voluntários. Para o desenvolvimento deste trabalho, tivemos a preocupação em valorizar a caminhada dos educadores voluntários e a sua evolução durante a trajetória como docente, observando quais as contribuições para a sua formação, o que as vivências e trocas de experiências possibilitaram para a reflexão e a ação no campo da docência. Nossas reflexões vão ao encontro das contribuições de Antônio Nóvoa, que afirma que a formação dos professores não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (Nóvoa, 1995, p.25).

Neste contexto, os pré-vestibulares comunitários são espaços de construção do saber multicultural em que a todo o tempo existe uma dualidade entre sonhos

e frustrações, reconhecimentos e exclusão, e o professor é peça chave para gerar motivação e manutenção do corpo discente nesses projetos. No entanto, há escassez bibliográfica que aborde a atuação de educadores voluntários em espaços não formais como pré-vestibulares comunitários, como defende Zago (2005):

(...) os pré-vestibulares populares sobrevivem, sobretudo, do trabalho voluntário de professores, assim como dos membros responsáveis pela coordenação. Uma revisão de parte da produção sobre o tema indica uma tendência de análise voltada para as dimensões históricas, políticas e de funcionamento desses cursos no país. Apesar da importância que os docentes detêm nesse processo, pode-se notar a quase ausência de informações sobre eles. (2009, p.255)

Dentre esses aspectos, é válido ressaltar que a carência de produções sobre a atuação dos educadores voluntários foi um fator motivacional de vanguarda e não limitante, para a pesquisa em questão. Assim também, considerando o contexto social e interdisciplinar¹² sobre o qual a pesquisa se debruça, enquanto movimento de resistência às desigualdades produzidas e reproduzidas no âmbito educacional, o Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, no programa de mestrado sob a linha de pesquisa Questões socioambientais, urbanas e formas de resistência social, foi o importante ambiente de inspiração e contribuição para a produção desta dissertação.

5.1

Pré-vestibular Comunitário e experiência docente

Os educadores voluntários devem-se atentar que os estudantes possuem uma trajetória escolar deficitária, além disso eles não estão no ambiente escolar regular, tendo o desafio de desenvolver novas estratégias metodológicas de aprendizagem e

¹² Usando interdisciplinaridade como um método para entender e responder as questões inquiridas pela ciência e a interconexão dos diversos saberes na qualidade de conceder novos conhecimentos principalmente no âmbito social. Segundo Silva e Lima (2012) o termo interdisciplinaridade tem por significação a ação concreta de juntar, articular diferentes conhecimentos e experiências práticas onde a solução de um só problema exige informações emprestadas de duas ou mais especialidades ou setores de conhecimento. É importante reconhecer que as limitações postas, desde o período de formação dos profissionais, promovem o isolamento por disciplinas/áreas de conhecimento, hierarquizando saberes, reforçando status profissionais diferenciados e dificuldades em gerar um perfil profissional que considere a integralidade. Por fim, o exercício interdisciplinar pode permitir a construção de espaços novos, permeados pela reciprocidade, tanto no diálogo quanto nas vivências, para que ações e resultados questionem os conhecimentos adquiridos e os métodos praticados, numa lógica de retroalimentação, de cooperação e de complementaridade de saberes, com perspectiva centrada na demanda/necessidade concreta dos sujeitos (Silva e Lima, 2012, p.110-119).

novas práticas pedagógicas.

Por outro lado, entende-se que existe o interesse dos estudantes, por compreenderem que uma vaga no pré-vestibular é uma das únicas oportunidades de vencerem a barreira das provas e, também, por não existir um sistema de avaliação ou pontuação como há no sistema regular. No processo de metodologias didáticas, muitos docentes encontram no PV comunitário a falta da “padronização” que existe na escolarização. As salas de aulas são formadas por um público bastante heterogêneo, composto de capitais culturais e intelectuais distintos pelos fatores idade e formação escolar.

Apesar disso, quando os entrevistados foram indagados sobre quais suas motivações em permanecerem no corpo docente do PVC Seja Mais, todos os educadores ressaltam o interesse dos vestibulandos em aprender, ressaltando aqui as manifestações dos entrevistados 1, 2, 4 e 5 por retratarem a motivação dos estudantes como fundamental inspiração e por apresentarem uma realidade econômica bastante diferente da dos estudantes do PVC Seja Mais.

Entrevistada 1 – Porque os alunos, querendo ou não, estão mais presentes, mais atentos à aula, eles já querem alguma coisa. Acho que nosso relacionamento é muito bom por causa disso, enfim, por causa dessa responsabilidade que os alunos têm com o projeto. (...) estou [há] quase 3 anos aqui? Por que é muito bom, muito gratificante ver os alunos quererem tanto – eles passam por tanta dificuldade, o mundo deles é completamente diferente do nosso e isso dá uma motivação, para gente, diária, de a gente continuar ajudando porque a maioria dos estudantes aqui, estavam trabalhando o dia inteiro e, mesmo cansados, estão aqui querendo alguma coisa, querendo estudar. (Entrevistada 1, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 2 – Porque a gente consegue sentir bem o resultado do esforço em conjunto. (...) a sala de aula são as experiências motoras, quando eu estou em sala de aula tem dois tipos de experiências que me impactam muito, positivamente e negativamente, dois extremos da mesma moeda. [Positiva] quando você percebe o aluno e ele tem uma base muito fraca, e quando você explica uma coisa de uma maneira diferente e consegue finalmente tocar ali, quando ele tem aquele *insight*, ele olha para você, você sente aquele brilho. E, por outro lado, tem uma experiência muito negativa quando você sente que tem aquele aluno que está desistindo, sabe? Ele fica tipo “Ah, esquece professor, não é para mim, entende?”. Nossa, quando eu ouço isso me dá uma agonia, uma mescla de decepção comigo mesmo (...) e do que eu posso fazer para ajudar, e eu falo “Não, tem que recuperar, não vai desistir coisa nenhuma”, é meio conflitante. (Entrevistado 2, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 4 – Então, essa experiência, eu acho que foi a mais importante entre todas que o Pré-vest pôde me proporcionar ali, porque a vida profissional foi superinteressante, superimportante para mim. Eu acho que mais importante foi ter esse contato com uma outra classe social, uma galera que não tinha a mesma base de conhecimento que eu tinha. E senti muito a retribuição por estar lá, e senti que eles

realmente estavam prestando atenção na minha aula, que estavam com vontade de ir para faculdade. Estavam ligados em aprender, e isso era muito importante para mim, esse contato, porque eu nunca tinha tido. (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 5 – E [você] vê que existem pessoas que estão querendo batalhar, correr atrás de uma faculdade. Muitas vezes eu vejo alguns da minha faculdade, do meu curso que eu dou aula, que não estão nem um pouco interessados em aprender, e ver outras pessoas que não tiveram a menor das chances que esses outros tiveram e estão querendo buscar forças do nada para poder correr atrás. Então isso é gratificante, ver até como é que isso impacta a forma de você buscar o seu futuro. (Entrevistada 5, depoimento verbal, 2019)

A docência possui uma atmosfera de admiração, preponderância e sedução ao se afastar dos espaços escolares formais. Contudo, os pré-vestibulares comunitários não são espaços romantizados, mas sim ambientes que muitas vezes replicam a precarização da infraestrutura e a falta de materiais que ampliam a construção de um conhecimento mais lúdico.

Além disso, o educador é desafiado a ensinar, em um tempo exíguo, uma enorme quantidade de conteúdos e utilizar com eficácia os recursos e as ferramentas metodológicos para atingir seus objetivos educacionais. Quando perguntamos sobre quais foram as principais experiências como educador no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais, e se elas interferiram na sua vida pessoal e qual as contribuições profissionais acham relevantes, os entrevistados que até o momento da entrevista ainda cursavam a graduação disseram que era a sua primeira experiência profissional. A grande surpresa foi identificar que o PVC Seja Mais foi um divisor de águas na vida profissional daqueles que já tinham uma trajetória trabalhista, fato ressaltado nos entrevistados cinco e sete.

Entrevistada 1 – Principalmente, desde quando eu comecei, foi o aprendizado na minha profissão, por que até então e. Eu entrei “nula”, eu entrei ainda estudava na graduação e eu aprendi muito na forma com que eu comecei a dar aula, as formas que eu dei aula, formas mais dinâmicas, com o uso de slides, o uso do Power Point, e isso me ajudou muito. (Entrevistada 1, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 3 – Do ponto de vista pessoal, foi uma descoberta da docência. Mudei meu curso de bacharelado para licenciatura. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 4 – Apesar de ser um projeto voluntário, considero como minha primeira experiência profissional, porque foi a primeira vez que eu tive uma presença na sala de aula. Isso mexeu muito com a minha vida profissional, porque para mim foi a primeira coisa que considerei para minha vida profissional. (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 5 – Eu consegui ver ali também algumas dificuldades por estar como professora dos conteúdos do ensino médio. Por conta da minha longa trajetória na vida acadêmica universitária, acabei me afastando do que é abordado no ensino médio. O Pré-vestibular me fez voltar a estudar esses assuntos e entender por que meus alunos universitários possuem tantas dúvidas no ciclo básico. Assim, pude me aproximar das necessidades dos estudantes tanto do Seja Mais quanto dos meus estudantes universitários. Às vezes, alguns exemplos, alguns tópicos da matéria que são relativamente simples e que eu jamais imaginei que meus alunos da graduação tivessem dúvidas, eu consegui ver que o pessoal do ensino médio também não tem clareza de alguns dos conceitos. Foi de grande importância para mim enquanto professora (Entrevistada 5, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 6 – Foi um processo de aprendizado, onde eu aprendi muito porque a gente aprende muita teoria na graduação e, na prática, é totalmente diferente... eu pude aprender isso e ver que dá para ensinar de determinadas formas. Aprendi também a exemplificar de acordo com as variáveis do dia a dia de cada um, da realidade de cada um e isso foi ótimo. (Entrevistado 6, depoimento verbal, 2020)

Entrevistado 7 – É uma experiência ímpar para qualquer pessoa, porque ela vai ao encontro de perspectivas tanto ideológicas quanto de realização pessoal. Nesse sentido, de fato eu acabei me aproximando do magistério e me incentivando a fazer uma outra faculdade: além da Comunicação Social, estou me graduando em História atualmente. (Entrevistado 7, depoimento verbal, 2020)

Os depoimentos verbais nos mostraram, com clareza, como o PVC Seja Mais se tornou, para os educadores voluntários, um importante espaço das práxis pedagógicas. Revelou-se, também, espaço para se apropriar de uma consciência crítica da diversidade e da realidade do ensino, proporcionando uma orientação para sua atuação social. Foi evidenciada, nas falas dos entrevistados, a importância de se aproximarem da realidade dos discentes, entender os motivos que causaram algumas das defasagens escolares que os alunos apresentavam e possibilitar não apenas a construção dos significados do conteúdo, mas também a formação crítica socialmente (Klein, 2012, p.9).

Temos, assim, a necessidade de um trabalho que contemple, ao mesmo tempo, a instrução de alunos e alunas quanto aos conteúdos acumulados historicamente, e a formação em valores, voltada para a construção da cidadania e do pensamento crítico. (Klein, 2012, p.10)

O papel do educador voluntário no PVC Seja Mais torna-se desafiador. De acordo com a pedagogia freireana, os educadores estão frente a processos de formação que adquirem significados tanto para seu âmbito pessoal quando para sua carreira profissional, mas também devem ser para os vestibulandos uma fonte de inspiração e desafiá-los para que “percebam que o mundo dado é um mundo dando-

se e que, por isso mesmo, pode ser mudado, transformado, reinventado (...)” (Freire, 2001, p.29-30). Observa-se bem esse processo na fala de um dos professores entrevistados:

Entrevistado 2 – A sala de aula como um todo é pura experiência de vida. E o Seja Mais é um espaço único – esse é o lado bom, por eu estar dando aula em um Pré-vestibular no mesmo lugar onde muitos alunos querem estudar e onde eu estudo. Isso é muito legal, e você realmente consegue sentir o efeito na vida dos alunos. O Seja Mais é um espaço onde eu consigo me colocar no lugar do outro, a gente está sempre exercitando isso. Além disso, me ajudou a aprender a maneira de como se comunicar. Muitas vezes, você percebe que vai muito além de fato de ter habilidade técnica do assunto ou tema da aula, mas sim estar atento e observar a maneira com aquela pessoa se porta, a maneira como ela se organiza... é estar atento a tudo. (Entrevistado 2, depoimento verbal, 2019)

Compilar o mosaico das entrevistas nos trouxe a compreensão que o PVC Seja Mais se configura um amplo processo de formação das atribuições da vida docente, seja no processo de transformar o conteúdo escolar em objeto de conhecimento e toda uma rotina de planejamento de pedagógico, seja também inserir nas rotinas a formação de novos valores voltados para a construção da cidadania e do pensamento crítico. Por ser um espaço de compartilhamento diverso nos âmbitos social, econômico, político e cultura, contribui para que o educador voluntário saiba lidar com as mais diversas ações antagônicas, como descreve a pedagoga Ana Maria Klein, especializada em Ensino e Processos Formativos:

A articulação entre a diversidade e universalidade implica na consideração dos lugares que fazem com que as experiências dos indivíduos sejam diferentes. A cultura globalizada articula-se com o que é próprio do lugar. É preciso reconhecermos as tensões, os conflitos, as práticas diárias, os quadros de referência dos grupos sociais dos quais os alunos e alunas fazem parte. Trata-se de considerarmos a diversidade de símbolos, significados, valores, atitudes, sentimentos, expectativas, crenças e saberes de um determinado grupo, que vive em contexto específico, que constrói identidades em situações particulares. (Klein, 2012, p. 14).

Como efeito gradual do seu crescimento quantitativo e qualitativo, o PVC Seja Mais potencializa a importância de uma educação comunitária, por valorizar a democratização do ensino e por fomentar, nas suas bases constituintes, a produção do saber de forma coletiva, por entender que a transformação no ambiente de ensino/aprendizagem deve ser dedicada à participação de todos que ali compartilham aquele espaço.

Dentro da grandiosa complexidade que é a construção humana (que abordamos

aqui de maneira generalizada) o contexto escolar envolve as ações de pessoas concretas, revelando que todo o processo de mudança social deve levar em conta os sujeitos realmente envolvidos. A educação comunitária – aqui configurada no PVC Seja Mais – possuiu como um dos seus objetivos o desenvolvimento de um “sujeito coletivo”, isto é, de sujeitos que se compreendam em meio à coletividade, que se tornem corresponsáveis pelas ações, relações, conflitos e decisões que ocorrem na comunidade (Silva, 1994). Para um dos professores entrevistados, a atuação do PVC Seja Mais corrobora para compreender melhor as seguintes ações:

Entrevistado 3 – Somos sujeitos com direitos e deveres e atuar no campo educacional é se comprometer em gerar uma consciência mais crítica com outra pessoa, para ela possa fazer melhores escolhas, tomar melhores decisões. Fazer uma leitura de mundo mais profundo mais apropriada – acho que nossa ação pode ser vista dessa maneira. Quando falamos de cidadania, entendo que é conceito muito amplo. Entendo que abordar esse conceito na sala de aula não esgota a complexidade desse problema na prática, então me questiono o seguinte: como é que as pessoas que fazem parte da sociedade podem se engajar para contribuir para a evolução dela? Porque o paradigma de evolução da sociedade também é muito questionável. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

Ao analisarmos a pedagogia desenvolvida por Paulo Freire em suas produções como a *Pedagogia da Autonomia* (1996) e a *Pedagogia do Oprimido* (2014), em que o trabalho do professor deve ser um processo de reconhecimento e construção do saber a partir do despertar da curiosidade, além de minimizar a hierarquização do conhecimento, identificamos uma relevante contribuição desta consciência na trajetória dos entrevistados, por serem peças-chave no processo de motivação dos estudantes e terem que lidar com diversas situações. Em alguns casos, são desafiados quanto à preparação, domínio e abordagens do conteúdo que será trabalhado. Sendo assim, quando perguntamos sobre o relacionamento com os estudantes do projeto, ressaltamos as seguintes respostas:

Entrevistada 6 – Posso dizer que há partes positivas e partes negativas porque, como eu comecei o projeto com vinte e dois anos, muitas pessoas da sala também tinham essa idade ou eram mais velhos. Então, algumas não entendiam, eu lembro que teve uma aluna que falou “ah, professora, como a senhora está dando aula para gente sendo que a gente tem a mesma idade?”. Então, realmente teve um pouquinho de conflito nessa questão [de ter] a mesma idade dos alunos, por muitas vezes eles terem essa visão de que o professor tem que ser mais velho, tem que ser uma pessoa mais experiente. Mas também teve partes muito boas, porque a troca de experiências, vivências e informações foi muito intensa, muito boa, muito enriquecedora. (Entrevistado 6, depoimento verbal, 2020)

Entrevistado 4 – Bom, eu dou aula de física né?! Então é muito engraçado isso, porque tem estudantes que gostam de mim e gostam da matéria, tem estudantes que gostam da matéria e não gostam de mim, e tem muitos estudantes que não gostam da matéria e gostam de mim.

(...) Ter *feedback* é muito importante dentro da sala de aula, e às vezes, no Pré-vest, é um pouco difícil porque não tem prova, a gente faz um “testezinho” para testar e tal, mas o *feedback* tem que ser mais assim oral, então não adianta você querer brigar com a turma que vai acabar se prejudicando mais ainda, sabe? Então eu acredito que essa experiência tem sido boa, e eu nunca tive nenhum problema com nenhum aluno. Apesar de perceber muitas vezes que alguns não se interessavam pela aula por causa da matéria (Física/exatas) ou, às vezes, por causa da minha aula também, e eu entendo... Era muito bom perceber que outros se interessavam e estavam a aprender. E corriam atrás, vinham tirar dúvidas comigo, pediam para aparecer no plantão de dúvidas. Então eu sempre acho que me dei bem com eles. (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

O processo de investigação das entrevistas nos mostrou que, ao longo da experiência como educadores voluntários no PVC Seja Mais, a prática em docência foi tomando maior proporção, munindo o educador de novos saberes e emoções para o seu desenvolvimento, não apenas com habilidades em dissertar o conteúdo disciplinar, mas, também, no despertar afetivo com os estudantes, potencializando o interesse e curiosidade sobre a disciplina.

Entrevistado 3 – E eu aprendi a importância das emoções e dos afetos na sala de aula posso considerar que no início da minha trajetória como professor o meu relacionamento com os alunos, apesar de uma admiração de um ponto de vista técnico da parte deles, não havia, digamos, uma admiração do ponto de vista afetivo. Eu não conseguia talvez despertar afetos positivos neles. Mas isso evoluiu ao longo do tempo e eu fui aprendendo a fazer brincadeiras, coisas que eu não sabia fazer, piadas e tal... e o pessoal gosta.

(...) meu relacionamento com os alunos – claro que cada turma tem uma composição, as pessoas são diferentes – mas, eu posso dizer que, para mim, houve uma evolução no meu relacionamento com os alunos. Eu não sabia muito bem no início como despertar afetos positivos neles, até para tornar mais fácil esse processo de ensino e aprendizagem e hoje eu posso garantir que houve uma grande evolução. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

As falas dos educadores voluntários vão ao encontro das bases teóricas dissertadas por Nóvoa (2001, p.3), ao destacar que o professor precisa desenvolver múltiplas habilidades, pois confere a ele o protagonismo na reflexão educacional e pedagógica. A preocupação com a pessoa do professor deve ser central, por isso a importância de desenvolver espaços como o PVC Seja Mais, que possibilita a formação a partir da vivência. De acordo com Nóvoa, “sabemos também que mais importante do que formar é formar-se; que todo o conhecimento é autoconhecimento e que toda a formação é autoformação. Por isso, a prática pedagógica inclui o indivíduo, com suas singularidades e afetos” (Nóvoa, 2001, p.3). Ao logo dos

anos, o PVC Seja Mais dedica-se em colocar o professor como uma figura essencial, em desenvolver um ambiente de troca, capacitação e formação para obter destaque com altos índices de aprovação nos vestibulares (como já apresentado na tabela 1) somado aos projetos¹³ que visam o desenvolvimento dos vestibulandos. Em consonância com esses objetivos, a coordenação do PVC Seja Mais sempre se mostrou presente e empática com as demandas e a necessidades dos educadores voluntários, dedicada a desenvolver parcerias com diferentes departamentos¹⁴ e órgãos dentro e fora da PUC-Rio, com intuito de gerar ferramentas, técnicas e formas para equipar o educador voluntário. Como exposto pelos entrevistados:

Entrevistado 2 – O que eu sempre falo é que o Seja Mais é um pré-vestibular que, “tipo”, não se compara com nem um outro. (...) Eu dei aula no CEFET¹⁵ e dei aula no grupo de estudos do NEAD¹⁶ também, e nesses dois que eu dei aula, não se compara o nível de organização do PVC Seja Mais e das ferramentas que nós professores usamos. Como, por exemplo, a parceria [que] coordenação conseguiu fazer com a Plataforma do Descomplica¹⁷ (...) Ponto importante, talvez pela eficiência que o Seja Mais tem, pela dedicação que todo mundo tem na coordenação, os professores. (Entrevistado 2, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 3 – O trabalho do GAP¹⁸ para vestibular é fundamental, não basta voluntarismo (sic), é preciso ser profissional, não basta boa vontade, é preciso técnica, porque uma coisa ajuda a outra. Também não adianta você ser só técnico e não saber se relacionar com os alunos porque aí não vai rolar, não vai funcionar interação. (...) há um motivo também importante que, não sei se o pessoal fala muito, é a questão do auxílio do bandejão. Eu acho que o auxílio do bandejão é muito importante porque se você for colocar na ponta do lápis, se você for contar as refeições por mês, isso dá uma grana boa. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

¹³ Os projetos mencionados são: Plantão de Dúvidas, plataformas on-line como Descomplica, Projeto de acompanhamento psicológicos – Escuta Ativa. Projetos de orientação vocacional – Projeto Rumo, Projetos interdisciplinares como Aulões e palestras motivacionais e entre outros.

¹⁴ O PVC Seja Mais, ao longo dos 4 anos, desenvolveu parcerias com departamentos da universidade que auxiliam com ajuda nos custos de materiais, fornecimentos de fotocópias para produção de material didático para os vestibulandos, além da parceria com a Plataforma Descomplica e o auxílio do bandejão para todos os estudantes e voluntários que atuam com frequência.

¹⁵ CEFET - Centros Federais de Educação Tecnológica, refletem a evolução de um tipo de instituição educacional que, no século XX, acompanhou e ajudou a desenvolver o processo de industrialização do país. O Curso é uma parceria do Projeto PVNC e do CEFET/RJ, por meio do Departamento de Extensão e Assuntos Comunitários, vinculado à Diretoria de Extensão.

¹⁶ NEAd - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos. O Núcleo foi constituído como espaço de formação continuada de educadores a partir de pesquisa realizada no Departamento de Educação da PUC-Rio.

¹⁷ Descomplica - uma startup de educação on-line que tem ajudado estudantes de todo o Brasil na preparação para o Enem e principais vestibulares do país. Desde 2016, começaram a olhar para outras fases da vida do aluno. Hoje, o negócio é focado em 5 categorias: Escolas, Vestibulares, Universidades, Concursos e Pós-graduação.

¹⁸ GAP – Grupo de Assessoria ao professor - foi elaborado pela coordenação do PVC Seja Mais para tornar ainda mais exitosa a experiência de formação docente. Em parceria com o Departamento de Educação, estudantes da pós-graduação dão o suporte pedagógico necessário para minimizar o “gap” (buraco) entre a teoria e a prática em sala de aula, bem como introduzir professores voluntários bacharéis no universo teórico/prático da Educação.

Entrevistado 4 – O Seja Mais é um projeto que tem várias frentes de atuação, tanto com os estudantes quanto para nós, voluntários. O “GAP” acho que devia manter esse projeto, porque poder conversar com a galera que está fazendo licenciatura, para mim que faço engenharia, é muito bom, porque eu realmente aprendo coisas. E então eu acho que sim, claro que me ajuda, o Pré-vestibular me ajuda muito. Eu comecei muito tímido. Hoje em dia eu tento evoluir [o modo] como eu me expesso na sala de aula, porque eu sei que algumas pessoas conseguem acompanhar melhor minha aula e outras não, mas eu quero tentar abranger o máximo de pessoas possível. Então isso vai desde o tom da minha voz, até como eu apresento [o conteúdo] para eles, se eu faço slides, se eu faço o quadro. (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

Com a finalidade de promover um ambiente de crescimento coletivo e uma aprendizagem sem interrupções por volta de voluntários, a coordenação do PVC Seja Mais desenvolveu equipes de disciplinas. Sempre que possível, a figura do educador é representada por um ou mais voluntários atuando concomitantemente na sala de aula, alguns núcleos chegam a ter 12 educadores da mesma área trabalhando juntos, entre produção de material/conteúdo, aulas ministradas e articulações extraclasse. Essa prática proporciona uma amplitude coletiva com a finalidade de facilitar o intercâmbio de experiências e relação entre as aprendizagens teóricas e as vivências e observações práticas.

Entendemos que nem sempre esse ambiente possui uma atmosfera harmônica, pois trabalho em equipe é desafiador. O PVC Seja Mais possui a finalidade de preparar os educadores voluntários não somente para os ambientes escolares, mas também corporativos. Tenta desenvolver metodologias interdisciplinares e, por consequente, gerar a consciência que, para o trabalho em equipe, é necessário, ao mesmo passo, entender que as pessoas são diferentes e devem saber lidar com a diferença. Para Nóvoa (2001), movimentos pedagógicos contribuem para consolidar sistemas de ações coletivas, gerar uma dinâmica mais ampla de reflexão e da intervenção no sistema de ensino. Por isso, quando criados pela coordenação do PVC Seja Mais, projetos pedagógicos como aulas interdisciplinares, aulas temáticas com abordagem lúdicas, reuniões para práticas pedagógicas, são maneiras de despertar a consciência e a práxis coletivas. Não se trata de ações individuais, mas sim a construção de uma cultura de cooperação. O esforço de pensar a profissão em grupo implica a existência de espaços de partilha além das fronteiras escolares. Nóvoa (2001) defende que o desenvolvimento desses programas são formas úteis e criativas:

Para além dos aspectos teóricos ou metodológicos, essas estratégias sublinham o conceito de deliberação, que por sua vez exige um espaço público de discussão. Nele, as práticas e as opiniões singulares adquirem visibilidade e são submetidas à opinião dos outros. Ao fazer isso, chama-se a atenção para o conjunto de decisões que os professores tomam a cada instante, no plano técnico e moral. Em outras palavras, a articulação entre teoria e prática só funciona se não houver divisão de tarefas e todos se sentirem responsáveis por facilitar a relação entre as aprendizagens teóricas e as vivências e observações práticas. (Nóvoa, 2001, p.5)

As ideias e valores sociopolíticos e culturais que o PVC Seja Mais tem como pilares, voltados enquanto movimento de resistência às desigualdades produzidas e reproduzidas no âmbito educacional, valorizando a caminhada dos educadores voluntários e a evolução durante a trajetória como docente, fazem com que os educadores voluntários se tornem multiplicadores sociais, fazendo o convite e incentivando a reprodução desses espaços de formação e do trabalho desenvolvidos neles. Quando perguntados se indicariam o trabalho voluntário, de forma unânime os entrevistados responderam que sim, contudo fizeram algumas ressalvas importantes a respeito do comprometimento e interesse na área de atuação.

Entrevistado 3 – Indico sim, mas acho que para indicar, eu indicaria para pessoas que não têm apenas boa vontade, mas que também sejam preparadas do ponto de vista técnico da sua formação acadêmica. Porque eu vejo que, no Brasil, há uma questão muito grande que se encerra nesse conceito do voluntarismo (sic). As pessoas querem ser muito voluntárias e etc., mas não querem ter técnica, não querem ter profissionalismo. Não basta ser voluntário, para ser voluntário ou ter boa vontade..., até para você ser um bom voluntário, você também precisa se acercar, se enxergar, ser íntimo da técnica, da didática, conhecer as teorias pedagógicas, porque os alunos não podem ser cobaia de você, de seus experimentos. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 2 – Eu não indico para qualquer um, aqui (Seja Mais) muitas vezes a pessoa entra como monitor, primeiro, e tudo mais, depois vai interagindo com a equipe, e depois vai para sala de aula. “Vou fazer trabalho social porque é legal, porque eu vou ajudar, porque meu currículo...”, não, tem que se levar com uma seriedade, isso afeta de uma maneira muito significativa. Então, acho que depende também do perfil da pessoa (...) não é para qualquer pessoa em si, mas acho que é uma experiência muito importante, engrandece você, de certa maneira. (Entrevistado 2, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 5 – Então indico o trabalho social muito bem organizado, como o Seja Mais. Eu acho que o fato não é só a gente dar aula, acho que é a gente criar professores também (...) eu acho que é o diferencial desse projeto. Então é um projeto que, com certeza, se não fosse sério, eu não estaria indicando a ninguém. Realmente eu vejo o quanto é bacana um projeto para poder indicar. Eu acho que é isso, né? Acho que a gente indica o que a gente gosta, do que a gente se orgulha, o que a gente consegue ver de lado positivo. (Entrevistada 5, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 6 – Indicaria, indico e vou continuar indicando não só o trabalho voluntário como professora, mas diversos outros trabalhos voluntários que eu participo. Gosto e indico porque eu acho que se colocar no lugar do próximo, ter experiências novas, ter também uma independência – porque quando você se coloca no lugar do outro, você começa a se entender mais, então você fica independente de opiniões alheias, de coisas negativas, porque você começa a se entender e ver que isso é importante. Eu acho que o trabalho voluntário ajuda no autoconhecimento e foi isso que eu percebi (...) Quando eu finalizei o pré-vestibular, eu falei “Nossa, hoje em dia eu posso me conhecer mais” porque eu acho que dá um autoconhecimento muito grande, e em relação a tudo, à vida, às pessoas, elas mesmas. (Entrevistada 6, depoimento verbal, 2020)

Entrevistado 7 – Certamente é uma atividade de doação e de ganho, porque a gente doa conhecimento, doa atenção, mas a gente ganha uma satisfação imensa de estar podendo transformar a vida das pessoas. (Entrevistado 7, depoimento verbal, 2020)

O sentimento de satisfação amplia as bases motivacionais e enraíza o comprometimento, gerando uma positiva ação em cadeia entre os estudantes e educadores voluntários. Quanto mais os vestibulandos forem assíduos e houver engajamento, (apesar das inúmeras dificuldades, por normalmente estarem em situações de diversas vulnerabilidades), observa-se que os educadores voluntários buscam estar mais bem preparados, não só na configuração afetiva, mas também na abordagem dos conteúdos que demanda cada disciplina. Esta rotina foi sendo observada a partir da queda da evasão do vestibulando ao longo dos anos e a candidatura crescente de novos voluntários, geralmente convidados por integrantes do PVC Seja Mais.

Entrevistada 1 – Com certeza, [o que motiva são] as turmas. Essa vontade das turmas e dos alunos de quererem crescer mesmo frente às dificuldades que eles têm, e eles têm muitas dificuldades, eu acho incrível essa a vontade deles, de todas as turmas que eu tenho, em outras turmas de PV's (particulares) que eu tenho de outras escolas, tenho certeza que [os alunos do Seja Mais] são o que mais querem. (...) É diferente, principalmente quando avaliamos o interesse dos estudantes da escola particular na qual hoje eu dou aula. O interesse dos estudantes do Seja Mais torna-se algo cativante, pelos esforços de múltiplas dificuldades que eles passam, e mesmo assim apresentam (...) disposição para aprender. (Entrevistada 1, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 2 – É comum, muitas vezes, quando tem aula no sábado, ainda mais no começo, quando as turmas estão mais cheias, todo mundo vai embora e eu sento na cadeira e fico pensando e revisando tudo que eu falei na aula, o que funcionou, o que não funcionou, o que pode melhorar, se aquilo não ficou tão claro, se aquele aluno não foi com a parada esclarecida para casa. Talvez eu esteja me alongando demais, mas são partes das experiências que são importantes para mim. (Entrevistado 2, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 5 - Sempre muito gratificante, é sempre muito bom. A gente sempre teve um lado muito legal de se relacionar em sala de aula. Então eu acho que eu consigo garantia de que as aulas tenham o seu encaminhamento normal. Muitas vezes a gente puxa orelha, mas é engraçado que, até quando a gente puxa orelha, eles param e pensam no quanto aquilo está sendo importante, no quanto, por minutos, estavam desperdiçando tempo. (...) está sempre gostoso e sempre tem aquela vontade de um pouco mais quando termina a hora da aula e a gente queria conversar um pouco mais. Com a química do dia a dia deles no meu dia a dia, mostrar um pouquinho mais das nossas experiências, para que eles possam criar as novas experiências deles.

Eu conheci o Davi —foi voluntário de química por alguns anos no PVC Seja Mais e também meu aluno graduação—, ele que me fez olhar para o projeto. Na verdade, eu estou aqui na faculdade desde 93, quando comecei a minha graduação. Eu nunca soube que existia pastoral, eu nunca nem soube muito menos que já existia um pré-vestibular aqui dentro. Então o Davi, que foi monitor nas minhas aulas de graduação, me fez enxergar o projeto. O que me motivou na realidade é poder ajudar mais ainda, o fato de eu ser professora da graduação, eu sei que eu já ajudo alguns alunos que querem se formar em engenharia, mas é de uma forma diferente, pessoas que querem encarar uma história de vida diferente, estar dentro de um pré-vestibular. (Entrevistada 5, depoimento verbal, 2019)

O PVC Seja Mais foi se consolidando a partir desses pilares motivacionais mencionados e por ser um espaço de formação, resistência, plural, que fomenta a valorização da dignidade humana¹⁹. Tais características traçam um caminho para identificar a educação como umas das rotas para a conquista de direitos sociais (Ribeiro, 2002, p.113-128).

Os esforços do PVC Seja Mais são no sentido de democratizar o acesso ao conteúdo da educação escolar com diligência a partir das práticas de cooperação e solidariedade. Em consonância com os argumentos debatidos por Ribeiro (2002), em sua obra *Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos Sociais*, entendemos que a educação é uma ação de “emancipação social em sentido mais amplo do que o proposto pelos princípios abstratos de liberdade e de igualdade, ampliando-se, assim, o horizonte da educação para além da cidadania burguesa” (Ribeiro, 2002, p.126)²⁰.

¹⁹ O principal fundamento dos direitos humanos é a garantia da dignidade. Todos os seres humanos devem ter reconhecido seu direito a ter direitos. Isso significa que todas as pessoas devem ter a garantia de viver dignamente. Dentre os direitos essenciais está a dignidade da pessoa humana, um valor fundamental constitucional que norteia todas as atividades realizadas nos âmbitos nacional e internacional e sem o qual a convivência em coletividade se tornaria inviável. (Motta, 2013)

²⁰ Não temos a pretensão de aprofundar sobre o universo teórico e a práxis sobre cidadania, contudo este trabalho dedica-se à investigação de assuntos que tangenciam este conceito. A Professora Dr^a Marlene Ribeiro (2002) dedica-se à investigação do amplo conceito de cidadania e educação; em estudo da sua produção teórica investigamos o conceito de cidadania e suas subdivisões; Cidadania e educação no mundo grego, Cidadania e educação no mundo moderno, Cidadania e educação no Estado social. Aqui, nos limitamos ao conceito de cidadania no mundo moderno, no qual a autora disserta: “A cidadania significa ter as luzes do conhecimento, da leitura, da escrita e da matemática; exclui, portanto, aqueles que não têm acesso ao conhecimento escolar ou são sujeitos de culturas

Dentro dessa abordagem, refletir sobre a atuação do educador e seu processo de contribuição para trabalhar a diversidade cultural dentro e fora da sala de aula são fatores enriquecedores da cidadania (Canen & Arbach, 2000, p.642). Reflexões que devem ser pensadas como uma proposta de formação continuada do professor, sejam elas desenvolvidas no contexto escolar regular ou em espaço de educação não formal.

Na tentativa de identificar se o PVC Seja Mais tem reverberado de forma crítica algumas concepções sobre cidadania nos projetos de formação, tanto no âmbito profissional quanto no âmbito pessoal, indagamos os educadores voluntários se, após integrarem-se ao Seja Mais, tiveram alteração da concepção de cidadania.

A partir das distintas falas, constatamos que há um relevante interesse e importância da compreensão conceitual e inúmeros exemplos de vivências do que eles entendem sobre o tema cidadania. O Entrevistado 2 ele descreve que não houve uma alteração significativa, pois, antes mesmo de fazer parte do Seja Mais ele já havia se questionado sobre essa compreensão de cidadania.

Entrevistado 2 - Eu acho que não, mas talvez seja porque eu já comecei a dar aula há muito mais tempo. Então, talvez, esse tipo de concepção começou naquela época que eu tinha essa coisa da meritocracia na cabeça, e aí que eu tive essa visão diferente, de como cidadão estar fazendo alguma coisa pela sociedade. O Seja Mais em si eu diria que é mais uma, não epifania como “Nossa, realmente me deu uma...”, mas é um exercício, uma coisa que você está mantendo.

Já o entrevistado 3 contextualiza, em seu ponto de vista acerca de cidadania, que não se deve debruçar apenas na concepção de ajudar, percebe que é uma relação mais profunda de entendimentos, por ser um paradigma de discursões das complexas relações da sociedade. Quando indagado se houve uma alteração significativa, responde:

Entrevistado 3 - Relativamente, mas não num nível elevado. Porque eu [já] tenho por conta da minha formação, você entra em contato com várias abordagens acerca de um tema. Então há várias abordagens acerca do tema cidadania. E talvez há uma

e/ou raças identificadas como ‘primitivas’ porque estão mais próximas ao estado de natureza. Em ambos os casos, os iletrados e os chamados ‘primitivos’, ou ‘irracionais’, são considerados, no processo evolutivo da humanidade, em situação inferior ao estágio atingido pela racionalidade ocidental ‘civilizada’. A educação é pressuposto para o alcance da cidadania burguesa, que se assenta sobre os princípios de liberdade e igualdade. Em base a estes princípios, a sociedade deveria oferecer, principalmente através da educação básica, condições igualitárias para que os indivíduos tivessem acesso ao exercício de uma cidadania ativa.” (Ribeiro, 2002, p.117-126)

concepção de cidadania mais digamos assim, “espalhada”, “popular” mais conhecida com a qual eu não compartilho muito. Então com relação à cidadania, a leitura de fora pode ser essa “[fulano] é um professor do pré-vestibular, então ele está sendo um bom cidadão. Está cumprindo com sua parte, quer por exemplo: ajudar no processo educacional de outras pessoas para que elas possam fazer melhores escolhas, melhores decisões. Fazer uma leitura de mundo mais profundo mais apropriado”, pode ser visto dessa maneira. No entanto, eu não endosso muito isso. Enfim, acho que o problema mais é mais profundo. Eu acho que a cidadania como um conceito ela não é suficiente, ela não esgota a complexidade desse problema que é o seguinte: como é que as pessoas que fazem parte da sociedade podem se engajar para contribuir para a evolução dela? Porque o paradigma de evolução da sociedade, também, é muito questionável. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

Para o entrevistado 4, o pré-vestibular trouxe novas contribuições e considerações sobre o contexto de cidadania. O educador faz uma autoanálise e inspira-se dizendo que o PVC Seja Mais foi um espaço de intensa troca, segundo suas palavras, o fez “sair de uma bolha em que vivia”.

(...) contribuiu com certeza, porque esse contato que eu tive, como eu falei, eu nunca tinha tido antes. Hoje em dia eu acho que mudou um pouco como eu penso, assim como as coisas em volta de mim, como eu sei que muitas vezes meus amigos estão presos numa bolha. A gente tem que tentar sempre fugir dela, [nela] a gente não pode querer pensar. A gente tem que ter sempre a cabeça aberta para todo o tipo de situações. A gente tem que entender que tem pessoas que passam por dificuldades muito maiores que a gente, que as dificuldades de cada um são as suas dificuldades. Não adianta querer passar por cima de ninguém e que a gente tem que estar sempre pensando na nossa sociedade, [no] melhor para sociedade. É isso que o trabalho voluntário [propicia] e poder estar aqui fazendo parte disso foi muito importante para minha evolução como cidadão, com certeza. (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

A peculiaridade do entrevistado 4, em relação aos outros, foi seu relato descrevendo que, em 2017, teve a oportunidade de lecionar para uma quarta turma no PVC Seja Mais, chamada de “turma D”, composta por duas estudantes deficientes visuais – Dona Paulina, de 85 anos, e a jovem Paloma, de 21 anos –, como relatado no subcapítulo 4.1.

O entrevistado relata que tinha um grande prazer em ensinar física, apesar do enorme desafio, mas era constantemente motivado pela coordenação do projeto, que dava todo aporte técnico e materiais pedagógicos para o desenvolvimento das aulas.

Foi difícil, muito difícil, mas o suporte técnico e o incentivo que a coordenação do Seja Mais nos dava era uma grande motivação. A montagem do tabuleiro para impressão das letras e números em alto relevo e massinhas de modelar eram umas das principais ferramentas que nós professores usávamos. O intercâmbio de informação era constante entre nós, professores, e a coordenação. Sem contar que as meninas

eram supermotivadas, era sensacional perceber o interesse delas, apesar da enorme dificuldade que ambas tinham com a matéria de física. (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

No desenvolvimento da entrevista, relatou que o PVC Seja Mais foi a primeira oportunidade que as estudantes tiveram mais próximas da matéria (conteúdos) de física, que era necessária toda uma nova abordagem do conteúdo, principalmente com os cálculos matemáticos. A partir dos fatos narrados ao longo da entrevista, o entrevistado 4 sempre descrevia o quanto o PVC Seja Mais foi uma oportunidade desafiadora de abrir novos campos de atuação, ter novos olhares sociais e empatia, principalmente por ter sido a primeira oportunidade de exercer uma ação com perfil mais profissional. Após ficar um período lecionando para a turma D, o entrevistado relata que deixou a turma sob os cuidados de um novo educador voluntário, que era o professor dele na graduação, corroborando para o entendimento da pluralidade e o nível horizontalizado²¹ da divisão de tarefas e a relação que o PVC Seja Mais tem produzido entre professor (universitário) e os alunos de graduação. O PVC Seja Mais proporciona uma reconfiguração entre o professor de graduação e o universitário, pois ambos no projeto possuem o mesmo papel – de educadores voluntários, o que pode gerar uma troca mais harmônica dos saberes e técnicas pedagógicas, que ultrapassam as barreiras do Seja Mais e favorecem melhores condições de enriquecimento no ambiente acadêmico, como relata a Entrevistada 5, (professora do curso de graduação do ciclo básico de engenharia) compondo a equipe de educadores voluntários de química.

(...) aproximar a realidade dos meus alunos de graduação: aqui no Seja Mais nós dois somos professores, e trabalhamos juntos pela mesma causa. Aprendo com os meus alunos e posso ensinar e ser para eles referência. Como professora de graduação, posso dizer que na academia tem muito brilho e vejo por relato de alguns alunos e colegas um certo afastamento entre professor/aluno. Um tom de superioridade. O interessante do Seja Mais é é isso, você conhecer melhor seu aluno, e ele te conhecer também. Certamente isso faz uma enorme diferença tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. (Entrevistada 5, depoimento verbal, 2019)

²¹ O conhecimento pedagógico compartilhado é um sistema de ideias com distintos níveis de concretude e articulação, apresentando dimensões dinâmicas de caráter processual, pois implica uma rede de relações interpessoais. Organiza-se com variedade e riqueza, apresentando quatro dimensões: o conhecimento teórico e conceitual, a experiência prática do professor, a reflexão sobre a ação docente e a transformação da ação pedagógica. O processo de constituição desse conhecimento implica a reorganização contínua dos saberes pedagógicos, teóricos e práticos, da organização das estratégias de ensino, das atividades de estudo e das rotinas de trabalho dos docentes, em que o novo se elabora a partir do velho, mediante ajustes desses sistemas (Bolzan, 2002, p.151).

Para Bolzan (2006, p.57), a dimensão pessoal, aliada à implicação com a docência, deve ser a responsável por professores irem além da dimensão técnica da atividade docente, em direção à dimensão pedagógico-formativa, o que lhes possibilita ser referência de como ser professor para seus alunos.

O PVC Seja Mais proporciona, em seu lócus, ainda que seja em escala de baixa magnitude (visto que a PUC-Rio é uma universidade de grandes proporções) mas com consequências subjetivas e impactantes nas partes que ali atuam, a proposta de um espaço universitário que vigore a importância da responsabilidade social na formação acadêmica. Proposta fundamentada pela professora Bernardete Angelina Gatti:

A questão não é, pois, atribuir hegemonia à universidade quanto à formação de professores. O problema real é preparar uma universidade para separar o papel que corresponde às suas características técnicas. O de realizar pesquisas educacionais e didáticas, estudar modelos alternativos de formação, preocupar-se com a formação dos formadores etc. Porém, alterando substantivamente o seu modo de operar, integrando todas essas atividades, como parceiros efetivos, professores e técnicos que estão nas práticas escolares, não só trazendo-os para dentro do campus como indo às regiões e locais de trabalho. (Gatti, 1992, p.72)

Quando pensamos no processo de formação, não nos direcionamos somente ao processo de formação de professores, mas também à academia como um todo, estamos fazendo uma crítica aos sujeitos formadores dos professores e aos especialistas nas outras áreas técnicas, que estão sentados em suas cadeiras magistradas e imbuídos de títulos acadêmicos. Queremos chamar atenção que espaços como o PVC Seja Mais *in locus* universitário contribui para o desenvolvimento de espaços não hierarquizados, mas colaborativos, têm a possibilidade de gerar uma nova rotina acadêmica, a partir de uma aprendizagem colaborativa. Para Bolzan,

Aprendizagem colaborativa refere-se às trocas entre pares docentes/discentes que permitem o aprofundamento sobre temas trabalhados coletivamente, implicando na autonomia dos sujeitos envolvidos nesse processo, permitindo-lhes, a partir da reestruturação individual dos seus esquemas de conhecimento, resolver diferentes situações didático-pedagógicas e profissionais. (Bolzan, 2006, p.59)

O PVC Seja Mais possui uma rotina que se preocupa com a formação ampla, não limitada apenas àqueles que fazem licenciatura, até porque o corpo de voluntários não se restringe a esses cursos. Identificamos que o projeto integra tanto o saber e o saber-fazer próprios a uma profissão específica, quanto o modo de ajudar os

seus voluntários na elaboração de suas próprias estratégias de apropriação desses saberes, em direção à sua autonomia formativa (Bolzan, 2006, p.57). Pois, em geral, ocuparão cargos em suas profissões e a partir das experiências vivida no projeto possivelmente estarão mais bem preparados quanto à dimensão pessoal. O ofício da docência e suas implicações são diversas, é preciso compreender as complexas estratégias pedagógicas. O desafio de ensinar está no processo de transposição dos conteúdos, para que sejam compreendidos nas diversas fases do saber e, por consequência sejam aplicados, a fim de que os conteúdos possam transformá-los em instrumentos internos capazes de mediar a construção de seu processo formativo (Bolzan, 2009, p. 58).

Quando os entrevistados foram indagados sobre a importância do PVC Seja Mais em suas vidas no âmbito profissional e pessoal, de forma unânime responderam que foi um ambiente de aprendizado, uma escola. Cinco entrevistados disseram que foi a primeira oportunidade de ser tutor em sala de aula, vivenciar práticas da docência em seu amplo dinamismo de atuação.

Entrevistada 1 – Eu entrei nula, estava finalizando minha graduação em geografia. A minha principal experiência foi na forma como eu cresci na minha profissão. Porque foi o primeiro lugar que eu comecei a dar aula, então foi bom para eu crescer dando aula, [saber] como dar aula, eu aprendi a dar aulas mais dinâmicas. (Entrevistada 1, depoimento verbal, 2019))

Entrevistado 3 – Eu tinha aulas na minha graduação de filosofia, e eu queria muito treinar aquilo que eu estava adquirindo. Então, a maneira que encontrei de fazer isso foi procurando algum lugar, algum projeto que eu pudesse atuar como professor, porque do ponto de vista profissional, eu dando aulas daquilo que eu estava aprendendo, eu imaginava – e depois pude comprovar isso – que eu estaria reforçando e aprimorando a minha própria formação dentro da PUC. (Entrevistado 3, depoimento verbal, 2019)

Entrevistado 4 – Apesar de ser um projeto voluntário, considero como minha primeira experiência profissional, porque foi a primeira vez que eu tive uma presença na sala de aula. Tive contato com os alunos, pude ensinar física para uma turma, sabe? (Entrevistado 4, depoimento verbal, 2019)

Entrevistada 6 – Pré-vestibular tem essa capacidade de abrigar muita diversidade, e isso foi ótimo porque você não encontra isso na maioria das escolas. O Pré-vestibular Comunitário Seja Mais me deu essa experiência. Foi um processo de aprendizado [em que] eu aprendi muito, porque a gente aprende muita teoria na graduação de biologia e na prática é totalmente diferente e eu pude aprender isso e ver que dá para ensinar de determinadas formas. Aprendi também a exemplificar de acordo com as variáveis do dia a dia de cada um, da realidade de cada um e isso foi ótimo. (Entrevistada 6, depoimento verbal, 2020)

Entrevistado 7 – Experiência ímpar para qualquer pessoa, porque ela vai ao encontro de perspectivas tanto ideológicas quanto de realização pessoal. Nesse sentido, de fato eu acabei me aproximando do magistério e me incentivando a fazer uma outra faculdade, além da Comunicação Social, estou me graduando em História atualmente. (Entrevistado 7, depoimento verbal, 2020)

Para a Entrevistada 6, o PVC Seja Mais teve um atributo ainda maior em sua vida: ela relata que foi estudante do projeto em 2014, quando o projeto ainda passava pelo processo de consolidação, porém já imbuído do compromisso de minimizar as desigualdades de acesso ao nível superior. A educadora voluntária representa para os vestibulandos a figura de possibilidade e alcance aos sonhos.

Entrevistada 6 - Falo muito com os meus alunos [sobre] a minha experiência de vida, como possibilidade. Pois sou mulher, moradora de comunidade, oriunda de escola pública, frequentadora do pré-vestibular em 2014, quando o projeto ainda só tinha uma turma e, no máximo, vinte e cinco alunos. Com orgulho passei para a PUC e fui graduanda bolsista. Lutei muito para conquistar minha vaga, meu sonho de fazer faculdade aqui na PUC e manter esse sonho, manter meu padrão de notas, minha rotina universitária. E atualmente fazer parte da equipe de professores de biologia. (Entrevistada 6, depoimento verbal, 2020)

A entrevistada completa sua fala ao dizer que o pré foi e está sendo um divisor de águas em sua vida. Onde, um dia, foi ajudada, conquistou a aprovação no vestibular e, posteriormente, ao retornar como educadora voluntária, tem a oportunidade de obter experiência na sua formação enquanto educadora.

Com a análise dos depoimentos, constatamos que o PVC Seja Mais, ao longo dos anos, venceu as barreiras e vem exercendo o que se propõe, ser um espaço de resistência, fomentar de maneira crítica o gargalo do acesso ao mundo universitário, além de promover um espaço de formação, onde buscou valorizar e impactar positivamente a trajetória de seus voluntários. Atuando na linha de frente, na tentativa de atenuar as desigualdades produzidas e reproduzidas no âmbito educacional, o PVC Seja Mais possui uma trajetória semelhante a outros Pré-vestibulares de caráter popular com dificuldade e significativas mudanças em seu percurso até sua consolidação.

6

Para não concluir

A tendência democrática de escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas

em que cada cidadão possa se tornar governante.

Antonio Gramsci

Os debates acerca dos espaços que promovem a educação, conscientização e uma cidadania ativa, como os Pré-vestibulares Comunitários, são atemporais pelo simples fato de acompanharem os desdobramentos das relações sociais. São espaços que propõem fomentar a importância da educação como uma ferramenta de emancipação humana e oportunidade de escolha para a tomada de decisão, ao encontro da teoria gramsciana que identifica que o autoconhecimento individual é uma função intelectual no envolvimento de reconhecer-se.

As classes sociais mais vulneráveis podem ter, nesses espaços como os Pré-vestibulares Comunitários, seus interesses e necessidades reivindicados. É no espaço da educação que é possível uma condição de luta que permite a transformação do indivíduo pelo conhecimento.

Neste trabalho, consideramos de forma crítica os antecedentes processos na educação escolar. Quando etapas não são acessadas por uma parcela sociedade, é talhado um hiato no desenvolvimento e progresso que visa gerar a justiça social. Na contramão do gargalo ao acesso dos espaços universitários, reconstruímos um passado histórico dos Pré-vestibulares de caráter popular, manifestando como importantes movimentos sociais buscam fomentar e formalizar as políticas sociais, uma nova forma de mobilização, articulação e educação popular que possibilita introduzir mudanças estruturais nas sociedades.

Alicerçado nessas perspectivas, o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais promove uma releitura desses espaços, produzindo projetos pedagógicos que valorizam um ambiente de formação para seus educadores voluntários. Dessa maneira promove o conceito acerca de uma natureza dialética²² de modo que “todo professor

²² Ao encontro dos pensamentos do teórico Trentin Silveira (2018) que desenvolve uma narrativa da obra de Gramsci, entendemos, “a relação pedagógica, portanto, se faz na dialética autoridade-afeto, diretividade-liberdade, senso comum-saber elaborado, educador-educando. Mas o caráter dialético da relação não elimina a identidade dos contrários. Somente sendo professor, o professor poderá ser também aluno. E somente sendo aluno, o aluno poderá ser também professor. É preciso reconhecer a diferença entre ambos, no ponto de partida do processo pedagógico, para que se dê a possibilidade histórica de sua superação – no ponto de chegada. Afinal, é pela mediação do professor que essa possibilidade se concretiza, desde que ele não abdique de sua identidade”. (Trentin Silveira, 2018, p. 97)

é sempre aluno e todo aluno, professor” (Gramsci, 2001, p. 399 apud Trentin Silveira, 2018, p. 97), principalmente quando alinhamos com o espaço físico onde o PVC Seja Mais está instalado, no interior da PUC-Rio, uma intuição de formação da elite acadêmica e onde grande parte dos educadores voluntários estão cursando sua trajetória (formação) acadêmica.

A partir das bases metodológicas da pesquisa qualitativa e produção do questionário semiestruturado, podemos conhecer o cenário em que o PVC Seja Mais foi construído e coletar informações sobre os processos educacionais, identificando a importância de consolidar espaços de formação como o projeto se propõe.

Ao longo do processo investigativo percebeu-se que processo educacional, de maneira formal, é estabelecido pela diretriz nacional que está baseada na promoção de uma sociedade democrática e balizada por uma política de mundialização que, apesar de traçada pela identidade capitalista, defende que a educação deve estar ao alcance de todos na iminência de gerar progresso, igualdade de oportunidade, alcance os níveis de representação e reconhecimento das diferenças, independente da condição econômica.

A luta por uma educação democrática se desenvolve nos movimentos sociais que buscam alcançar os espaços desprestigiados, no cerce da antagônica problemática ao acesso educacional. Em nosso caso de estudo, que permita desenvolver bases de conhecimento que preparem os estudantes para os exames dos vestibulares. Assim, os pré-vestibulares populares identificam que, muito além de uma grade curricular regular, é necessário fornecer uma formação que revise e desenvolva uma consciência de cidadania ativa.

As atividades pedagógicas propostas pelo PVC Seja Mais trouxeram o crescimento quantitativo do projeto, observado ao longo dos quatro anos analisados. Quanto mais o projeto propôs atividades extracurriculares e uma política de fomento à formação e à valorização do educador, mais os resultados em aprovações foram superados e o número de voluntários acrescido.

Como declarado pelo Entrevistado 2, o PVC Seja Mais se destaca por sua forma organizacional e aporte que a equipe da coordenação promove, não só para estudantes do projeto, mas principalmente para os educadores voluntários. Afortunada infraestrutura que a PUC-Rio oferece e a maneira com que o projeto busca usufruir desse ambiente são elementos que devem ser levados em consideração para o sucesso do projeto.

A partir da narrativa dos educadores voluntários, identificamos que o projeto coloca em prática o que defende Gatti (2017) em seus conceitos teóricos, quando afirma que devem ser estabelecidas práticas educativas que saem da trivialidade. Como desfecho, essas ações tornam-se questões motivacionais da permanência e promoção desses educadores voluntários, e outro fator conclusivo é a essencial melhoria na qualificação, na formação e preparação desses educadores voluntários para carreira profissional a qual se propõem. Identificamos também novos contornos para vida profissional e pessoal após a integração no projeto, que lhes propicia a apropriação / construção / reconstrução de conhecimentos e conscientização de cidadania (resguardando as complexas proporções que possui essa temática).

O PVC Seja Mais propicia desfazer os nós burocráticos e uma hierarquização acadêmica, ao estreitar os laços entre o professor acadêmico e seu estudante universitário e, de alguma maneira (mesmo que em pequena escala), conhecer seus futuros discentes, como disserta a Entrevistada 5. Por consequência, amplia o contato limitado pela sala de aula, alcançando uma socialização não só dos conteúdos regulares, mas também, cultural dos professores e estudantes universitários. Portanto, podemos destacar que o PVC Seja Mais é uma iniciativa inovadora que deve ser exaltada e se possível multiplicada em outros espaços acadêmicos. Por isso, deve ser amplamente trabalhado e visitado pelas instâncias diretoras da Universidade como um espaço que contribui para a formação dos estudantes e professores. Acreditamos que é o confronto necessário a ser feito, por oportunizar ao mundo acadêmico uma ação menos limitada, com menos fracassos e diminuir a retórica dos problemas acerca de uma formação apenas instrumental.²³

Dentro desse horizonte, identificamos que o PVC Seja Mais promove uma atitude enaltecida por Gramsci, em que permite os intelectuais acadêmicos, universitários e os vestibulandos uma aproximação, como também, estabelecer relações mais humanas, amigáveis, afetuosas, para compartilhar seu saber e suas habilidades, para gerar o movimento elástico de ensinar- aprender- ensinar, e esse processo gerar o mosaico de experiências e práticas. A natureza do projeto é gerar no educador voluntário uma consciência que não importe o campo de profissionalização que ele tomará, mas lembrá-lo que ele é responsável por construir vínculos autênticos e

²³Revisitamos a Proposta debatida por Bernardete Gatti, na obra: A formação dos Docente: O confronto necessário Professor X Academia. (1992)

duradouros onde quer que estabeleça sua trajetória profissional. A vivência e as responsabilidades adquiridas na trajetória como educadores, permitiu aproximarem-se das diversas realidades socioeconômicas e criar as condições necessárias para adquirirem autonomia e até novos rumos pessoais, como revela o Entrevistado 7 que, incentivado pela experiência do magistério, foi cursar também a faculdade de História, além da Comunicação Social.

O Pré-vestibular Comunitário Seja Mais é um projeto dentre uma infinidade de possibilidades, um espaço de educação não formal que, ao longo de sua trajetória, vem colhendo muito frutos. Foi, para muitos que passaram por suas salas, uma única oportunidade de transformação de vida, realização de acesso ao mundo universitário. Na experiência dos estudantes/educadores se viu que dificuldades podem se transformar em possibilidades.

A motivação de ser/estar no projeto é uma grande engrenagem orquestrada de corresponsabilidades e compromissos de caráter coletivo e realizações pessoais. Portanto, reconhecemos a importância de possibilitar que espaços como esses sejam criados ou recriados, principalmente quando existe uma infraestrutura que garanta seu funcionamento, como relatamos a experiência da Pastoral Anchieta na PUC-Rio. Ao logo da dissertação, pudemos observar que, para alguns estudantes, o PVC Seja Mais é uma única oportunidade de mobilidade social, para os professores voluntários pode também ser uma chance única de se perceberem atores no processo de mudança que representa a educação para cada um de seus alunos. Quisemos destacar, nesta dissertação, a potencialidade e transformação sociointelectual que representa a participação do voluntariado docente neste tipo de projeto para aqueles que buscam uma formação mais ampla. Refletir como desenvolver a práxis educacional não formal em espaços como o PVC Seja Mais nos indica que esses são projetos que podem e devem ser replicados para a promoção da cidadania plena e, por isso, o processo de pesquisa não se finaliza no desfecho deste trabalho, por entendermos a importância de fomentar a continuidade e aprofundamento dos assuntos pertinente à docência.

Referências bibliográficas

AFONSO, Almerindo Janela. **Sociologia da educação não formal**. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos. Campinas: Setembro, 2005.

AMARAL, Daniela Patti do; OLIVEIRA, Fátima Bayma de. O ProUni e a conclusão do ensino superior: questões introdutórias sobre os egressos do programa na zona oeste do Rio de Janeiro. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.19, n.70, p.21-42, mar 2011.

ARRUDA, Daniel Péricles; PINTO, Patrícia da Silva. O trabalho do assistente social na medida socioeducativa de internação: práticas e desafios. **Anais... III Simpósio de Assistentes Sociais de Minas Gerais**. Expressões socioculturais da crise do capital e as implicações para a garantia dos direitos sociais e para o serviço social. CRESS, 6ª região. Belo Horizonte, 3 a 9 de junho 2013.

BARATTA, Giorgio. Escola, filosofia e cidadania no pensamento de Gramsci: exercícios de leitura. **Pro-Posições**, Campinas, v.21, n.1, jan-abr 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643368> Acesso em: 5 set 2019.

BAPTISTA, Isabel. Ética e Educação Social. Interpelações de contemporaneidade Pedagogia Social. **Revista Interuniversitaria**, n.19, p.37-49, 2012. Sociedad Iberoamericana de Pedagogía Social Sevilla, España.

BASTOS, D. F.; GOMES, Fátima C. M.; FERNANDES, Lenise Lima. O pré-vestibular social: desafios à busca da inclusão social. **Ead em foco**. v.1, n.1, abr 2010. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/21>. Acesso em: 12 set 2019.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A. Aprendizagem docente na educação superior: construções e tessituras nos processos de formação da professoralidade. **Educação**, v.3, p.489-501, 2006.

BOLZAN, Doris, P. V.; DE AGUIAR ISAIA, Silvia; MACIEL, Adriana M. da R. Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior. **Revista Diálogo Educacional**, v.13, n.38, p. 49-68, jul. 2013. ISSN 1981-416X. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/7817>. Acesso em: 2 fevereiro 2020.

BRAZ, Marlene. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. **Ciência e saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.814-18, set 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000300032&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 nov 2019.

CAMPOS, Cynthia. Apresentação. In: GASPAR, Lúcia (ed.). **Ações afirmativas e política de cotas no brasil**: uma bibliografia, 1999 - 2012. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

CANDAU, V. Universidade e diversidade cultural: alguns desafios a partir da experiência da PUC-Rio. In: PAIVA, A. (org.). **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências concretas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

_____. (org.). **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Multiculturalismo e direitos humanos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Novamerica, 2001.

_____. **Universidade, diversidade cultural e formação de professores**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 2003.

CANEN, Ana; ARBACHE, Ana Paula; FRANCO, Monique. **Pesquisando multiculturalismo e educação**: o que dizem as dissertações e teses. Trabalho apresentado na XXIII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG, 2000.

CARVALHO, José Carmelo Braz de. Os Cursos Pré-Vestibulares Comunitários e seus condicionantes pedagógicos. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v.128, n.36, p.299-326, ago 2006. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/399>. Acesso em: 12 set 2019.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social** – uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLAPP, A. Política de ação afirmativa nas Universidades brasileiras – Uma alternativa para a redução das desigualdades sociais? In: GONÇALVES, Rafael Soares (org.). **Pobreza e Desigualdade Social**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

_____. **Ação Afirmativa na PUC-Rio**: inserção de alunos pobres e negros. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

_____. A gênese da Política de ação afirmativa da PUC-Rio. Uma parceria entre Universidade e Movimento Social. **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio – Desigualdade e Diversidade**, n.5, p.125-48, jul/dez 2009.

COSTA, Alan; GOMES, Tatiane. Contribuições da obra de Paulo Freire nos encontros de cursos pré-universitários populares: redes de indignação e esperança. **Revista de Educação Popular**, n.16, p.137-151. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321809192_Contribuicoes_da_obra_de_Paulo_Freire_nos_encontros_de_cursos_pre-universitarios_populares_re-des_de_indignacao_e_esperanca. Acesso em: 7 jul 2019.

DINIZO, Janguê. **Gestão 2016-2019 prestação de contas 2019**. Pronunciamento do diretor presidente – Janguê Diniz. Associação Brasileira de Mantenedora de Ensino Superior. Brasília, 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRASER, N. Redistribución, reconocimiento y participación: hacia un concepto integrado de la justicia. In: ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS - para la Educación, la Ciencia y la Cultura. **Informe mundial sobre la cultura: 2000-2001**.

_____. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a “postsocialist” age”. In: SEIDMAN, S.; ALEXANDER, J. (orgs.). **The new social theory reader**. Londres: Routledge, 2001. p.285-293.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Anais... IV Congresso internacional de Pedagogia Social**. Campinas, 25 27 de junho de 2012.

_____. **A questão da educação Formal/Não Formal**. Institut International des Droits de l'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse). Disponível em: http://www.paulo-freire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf. Acesso em: 15 jul 2011.

GATTI, B. A. A formação dos docentes: o confronto necessário professor x academia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.81, p.70-74, 1992.

GENTILE, P. Antônio Nóvoa: "professor se forma na escola". **Revista Nova Escola**. 1 de maio de 2001. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>. Acesso em: 15 mar 2020.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p.57-63, 1995.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.4, p.65-71, 1995b.

GOHN, M. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.28-43, 2010.

_____. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Questões da nossa Época, v.5.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima (orgs.). **Ação Afirmativa: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 1997.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIN, Ana Maria; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n.1, jul. 2012. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/cordis/article/view/10312/7697>. Acesso em: 2 jun 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

MEDEIROS, Marcelo. Mobilidade social, valores morais e segregação espacial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.25, n.73, p.157-159, junho 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 jul 2019.

MENDES, Thales Cerqueira; SOUZA FILHO, Moacir. Aspectos dedutivos em pesquisas qualitativas no ensino de física. **Anais... IV Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências**. 2019. p.2-5. Campina Grande: UFPB, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conapesc/trabalhos/TRABALHO_EV126_MD1_SA2_ID2187_01072019214157. Acesso em: 6 mar 2020.

MOREIRA, C. M. **Técnicas de Leitura para Leitores** (Os Leitores Deficientes Visuais). Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos – UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

MOTTA, Artur Francisco Mori Rodrigues. A dignidade da pessoa humana e sua definição. **Âmbito Jurídico**, mai 2013. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direitos-humanos/a-dignidade-da-pessoa-humana-e-sua-definicao/>. Acesso em: 4 fev 2020.

MOURA, Laércio Dias de. **Missão e marco referencial**. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/historia/>>. Acesso em: 10 jan 2020.

NASCIMENTO, Alexandre do. Movimentos Sociais e Educação: os cursos pré-vestibulares populares. In: THUM, Carmo (org). **Anais...** I Encontro de cursos pré-vestibulares populares. Pelotas: UFPel, 2002.

_____. **Movimentos Sociais, Educação e Cidadania**: um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 1999.

_____. Os Manifestos, o debate público e a proposta de cotas. **Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, n.23/24. Rede Universidade Nômade, Rio de Janeiro, 2008.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade** [online]. 2002, v.23, n.78, p.15-35. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-73302002000200003&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 5 out 2019.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 4.ed. Lisboa: Porto Editora, 2014.

_____. (org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

OLIVEIRA, Beatriz Cristina de; DIAS, Camila Santos. Educação não formal: instrumento de libertação e transformação? **Revista Científica da FHO | Uniararas** v.5, n.2, 2017.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. **Cadernos de Pesquisa**. 2005, vol.35, n.124, p.43-55. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000100004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 jun 2019.

RIBEIRO, M. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.2, p.113-128, jul/dez 2002.

SANTOS, Renato Emerson dos. Racialidade e novas formas de ação social: o pré-vestibular para negros e carentes. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima (orgs.). **Ação Afirmativa**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SCHERER-WARREN, Ilse. Metodologia de redes no estudo de ações coletivas e movimentos sociais. In: _____. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

SENADO FEDERAL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

SILVA, M. M. da; LIMA, T. C. S. de. **Serviço social e interdisciplinaridade na atenção básica à saúde**. Serviço Social E Saúde, v.11, n.1, p.113-132, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/sss.v11i1.8635032>. Acesso em: 4 nov 2019.

SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente; MOURA, Rogério Adolfo de. (orgs.) **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2009.

SILVA, Ronalda Barreto. Educação comunitária: além do estado e do mercado? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.112, p. 85-97, mar 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100004&lng=en&nrm=iso. acesso em 5 mai 2020.

SILVA, Jair Militão. Educação comunitária e educação escolar: em busca de uma metodologia em ação educativa democratizadora. In: SILVA, Jair Militão (org.). Educação Comunitária: estudos e propostas. São Paulo: Senac, 1996.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TRILLA, J. **A pedagogia da felicidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TRENTIN SILVEIRA, René. **Professor de Relações-Aluno de uma Perspectiva Gramsciana**. Educ. Real. Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 97-114, março de 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000100097&lng=en&nrm=iso>. acesso em 5 de fev. de 2019.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, Florianópolis, v.26, n.1, p.149-74, abr 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10298>. Acesso em: 12 set 2017.

. Pré-vestibular popular e trabalho docente: caracterização social e mobilização. **Revista Contemporânea de Educação**, v.4, n.8, p. 260-279, dez 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1585>. Acesso em: 23 jun 2019.

Consulta aos sites:

http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf
(Declaração dos direitos humanos)

http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mec-e-inep-divulgam-dados-do-censo-da-educacao-superior-2016/21206

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-147-a-constitucionalidade-das-politicas-de-acoes-afirmativas>

<https://educacaointegral.org.br/conceito/>

<https://www.coladaweb.com/pedagogia/escola-e-inclusao-na-educacao-de-jovens-e-adultos>

<https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>

http://www.edu.puc-rio.br/?page_id=645

<http://www.cefet-rj.br/index.php/noticias/1911-parceria-entre-o-cefet-rj-e-projeto-pvnc-inscricoes-abertas-para-o-curso-pre-vestibular-direcionado-para-pessoas-de-baixa-renda>

<https://sodaliciodasacrafamilia.org/servicos/>

<https://www.moc.org.br/publicacao/geral/3483/20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra>

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Pesquisa:
Pré-vestibular Comunitário Seja Mais:
uma experiência para formação de educadores populares

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa com o foco no trabalho dos educadores voluntários do Pré-vestibular Comunitário Seja Mais, desenvolvido pela Pastoral Universitária Anchieta (PUA) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

A pesquisa terá duração de nove (9) meses, com o término previsto para segundo semestre de 2019. Sua participação não é voluntária e as informações serão obtidas por meio de uma entrevista semiestruturada, a ser realizada em local reservado e os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou suspensão do seu consentimento não acarretará prejuízos. Você não terá custos ou quaisquer compensações financeiras. Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco mínimo de incômodo ou desconforto emocional que a participação possa acarretar aos entrevistados(as).

Assim, caso ocorra algum incômodo ou desconforto emocional, se desejar, a entrevista poderá ser suspensa com a segurança de que os dados por ela produzidos não serão utilizados durante a análise da pesquisa. Bem como poderá ser encaminhado(a) para atendimento na rede pública de saúde.

Os benefícios deste trabalho dizem respeito, o objetivo geral da pesquisa é analisar de que forma o Pré-vestibular Comunitário Seja Mais desenvolvido pela Pastoral Universitária da PUC-Rio contribui para a formação de educadores voluntários no período de 2016 a 2019. Os dados produzidos serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, através de códigos e em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. O material coletado, será guardado em arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Você receberá uma via deste termo onde constam os contatos do Comitê de Ética da PUC-Rio, da pesquisadora responsável e de sua orientadora, podendo responder suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma sua e a outra da pesquisadora responsável.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma via assinada deste formulário de consentimento.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) Participante: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

Contatos

Mestrando Leandro Ferreira Assis - Pesquisador
E-mail: leandroferrassis@puc-rio.br
Tel: (21) 983164099

Profª Drª Entrevistado 7a Clapp Salvador –
Orientadora
E-mail: aclapp@puc-rio.br Tel: (21) 3527-1001

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225 – Edifício Kennedy, 2º andar. Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900.
Tel: (21) 3527-1618

Apêndice B



Pré-vestibular Comunitário Seja Mais

- Nº da entrevista: _____
- Data: _____
- Departamento: _____
- Idade: _____
- Sexo: _____
- Raça/cor: _____
- Formação na Graduação: _____
- Pós-Graduação: () sim () não

Questionário aos educadores voluntários

1. Quais foram as principais experiências no Pré-vestibular Comunitário Seja Mais? Elas interferiram na sua vida pessoal ou profissional de que forma?
2. Como você avalia a importância do trabalho voluntário?
3. Como você avalia seu relacionamento com os estudantes do projeto?
4. O trabalho como docente no pré-vestibular comunitário seja mais contribuiu para alterar a sua concepção de cidadania?
5. O que te motivou a fazer parte do projeto? O que te motiva hoje?
6. Você indicaria trabalho social voluntário para outra pessoa? Por quê?

Apêndice C



TERMO DE ADESÃO AO TRABALHO VOLUNTÁRIO NO PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO SEJA MAIS DOCENTE

PASTORAL UNIVERSITÁRIA ANCHIETA PUC- Rio, com sede Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ - Brasil – 22451, neste ato representada por Leandro Ferreira de Assis, e **VOLUNTÁRIO**: _____, DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____, CEL:_____, E-MAIL:_____, RG:_____, CPF:_____, ENDEREÇO:_____, CURSO UNIVERSITÁRIO _____, TELEFONE EMERGENCIAL: _____ Paren-tesco:_____.

As partes acima identificadas têm, entre si, justo e acertado o presente Termo de Adesão ao trabalho voluntário, que se regerá pelas cláusulas seguintes, nos termos da Lei nº 9.608 de 1998.

DO OBJETO

Cláusula 1ª. O presente termo tem como OBJETO a prestação, pelo VOLUNTÁRIO, dos serviços de **professor da matéria** _____ e constitui o termo de adesão, conforme art. 2º da Lei nº 9.608/98.

DAS OBRIGAÇÕES DAS PARTES

Cláusula 2ª. O VOLUNTÁRIO fica comprometido a prestar à PASTORAL os serviços descritos cláusula 1ª, durante (____) dias na semana (____), no horário de (____) às (____).

Parágrafo 1º A fim de garantir o bom andamento do Programa, o VOLUNTÁRIO deverá cumprir fielmente o horário descrito no *caput* dessa cláusula.

Parágrafo 2º Caso o VOLUNTÁRIO necessite, por qualquer motivo, de alterar os dias e horários de seus serviços deverá comunicar ao CONTRATANTE com antecedência mínima de 2 dias.

Parágrafo 3º Caso ocorra o descrito no parágrafo acima o VOLUNTÁRIO deverá contatar outro professor da mesma área para substituí-lo e em seguida comunicar a PASTORAL.

Cláusula 3ª A PASTORAL tem o dever de garantir ao VOLUNTÁRIO todas as condições para o desenvolvimento das atividades para ele designadas, assim como certificado comprovando o seu trabalho que poderá ser usado, se for o caso, como horas de atividades complementares na PUC-Rio, conforme as regras de cada departamento.

Parágrafo único: O certificado deverá ser solicitado com 2 dias de antecedência.

Cláusula 4ª A PASTORAL irá fornecer o material didático quando solicitado pelo e-mail materialpedagogico@yahoo.com.br, até às 17h do dia que deseja utilizar o material.

Parágrafo 1º: Quando se tratar de fotocópias, estas estão limitadas a 3 cópias por aluno, por semana.

Parágrafo 2º: A PASTORAL dispõe de computador e projetor que poderão ser solicitados até às 17h do dia que deseja utilizar o material.

Parágrafo 3º: O material utilizado deverá ser devolvido no armário da PASTORAL, juntamente com as chaves. É de responsabilidade do VOLUNTÁRIO a devolução do material em perfeitas condições, assim como de todos os seus acessórios (carregador, adaptadores, caixa de som, adaptador HDMI e outros fios). Caso ocorra alguma avaria o VOLUNTÁRIO deverá notificar imediatamente a PASTORAL.

Cláusula 5ª A PASTORAL irá fornecer gratuitamente uma refeição noturna por dia disponibilizada no bandeirão durante todos os dias da semana, independente de ser o dia de sua aula.

Cláusula 6ª. Caso o VOLUNTÁRIO necessite, por qualquer motivo, não comparecer ao horário da aula, deverá informar a ausência com pelo menos 2 (dois) dias de antecedência, salvo casos fortuitos ou força maior.

Parágrafo único: Caso o VOLUNTÁRIO tenha 3 faltas consecutivas, mesmo que justificadas, haverá o encerramento do presente termo, a fim de evitar prejuízos aos alunos participantes do Programa PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO SEJA MAIS.

Cláusula 7ª. O VOLUNTÁRIO deverá atualizar, imediatamente após cada aula, o diário de classe através do aplicativo whatsapp, no grupo da matéria que leciona. Esse material será compilado no prazo de uma semana pela PASTORAL e ficará disponível para a consulta de todos os professores voluntários numa planilha Google Drive.

DA AUSÊNCIA DE REMUNERAÇÃO

Cláusula 8ª. Os trabalhos realizados pelo VOLUNTÁRIO serão gratuitos, sendo de livre e espontânea vontade dele a sua prestação, conforme os termos da Lei nº 9.608/98.

DA RESCISÃO

Cláusula 9ª. A PASTORAL se responsabiliza, em caso de motivo de força maior, a avisar ao VOLUNTÁRIO quando for dispensar os seus serviços.

Cláusula 10ª. Caso o VOLUNTÁRIO necessite encerrar o trabalho voluntário deverá comunicar à PASTORAL com antecedência de 15 dias, a fim de evitar prejuízos ao Programa PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO SEJA MAIS.

Cláusula 11ª. O presente termo poderá ser rescindido a qualquer tempo, nos termos das cláusulas 8ª e 9ª, sem acarretar qualquer tipo de indenização.

DO PRAZO

Cláusula 12ª. O presente termo vigorará por 1 ano, contado a partir da data da sua assinatura.

DAS CONDIÇÕES GERAIS

Cláusula 13ª Este instrumento não cria vínculo de natureza trabalhista ou previdenciária entre as partes conforme os termos da Lei nº 9.608/98.

Cláusula 14ª Este contrato passa a valer a partir da assinatura pelas partes.

DO FORO

Cláusula 15ª

Fica eleito o foro da Comarca desta Capital, com exclusão de qualquer outro, como competente para apreciar todas as questões decorrentes do presente contrato.

Por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento, em duas vias de igual teor, juntamente com 2 (duas) testemunhas.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2019.

Voluntário

Pastoral